



LEGUMES E HORTALIÇAS NO CHILE

ALADI/SEC/Estudo 31.4  
12 de setembro de 1985

## SUMÁRIO

|  | <u>Página</u> |
|--|---------------|
| APRESENTAÇÃO .....   | 3             |
| CAPÍTULO 1 - IMPORTÂNCIA RELATIVA DO SUBSETOR NO CHILE .....               | 5             |
| CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DE ALGUMAS VARIÁVEIS DE PRODUÇÃO .....                | 9             |
| CAPÍTULO 3 - ATIVIDADES EXPORTADORAS DO SUBSETOR .....                     | 15            |
| CAPÍTULO 4 - COMÉRCIO EXTERIOR .....                                       | 19            |
| CAPÍTULO 5 - ANÁLISE EM NÍVEL DE PRODUTO .....                             | 24            |
| CAPÍTULO 6 - A INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DE LEGUMES E HORTALIÇAS .....    | 67            |
| CAPÍTULO 7 - ALGUNS ASPECTOS SOBRE A SITUAÇÃO INSTITUCIONAL DO SETOR ..... | 73            |

//

Estudo realizado pelo Consultor,  
Senhor Enrique Burgos Larena

//

mas

//

### APRESENTAÇÃO

A Secretaria-Geral da ALADI iniciou durante 1984 um estudo de caráter regional sobre o subsetor legumes e hortaliças, que abrange em uma primeira etapa os seguintes produtos em seu estado natural: feijão, batata, cebola, alho, tomate, aspargo, lentilha, grão-de-bico, ervilha, espinafre e cenoura.

Esse estudo permite conhecer as principais variáveis de mercado, os mecanismos e a estrutura de comercialização, bem como a situação jurídico-institucional do setor, dando também, no caso de alguns países, informações referentes às possibilidades existentes de propiciar ações de promoção no campo do processamento industrial.

A partir deste conhecimento, a Secretaria-Geral espera poder propiciar a seleção de produtos sobre os quais seja possível aprofundar a análise e identificar e promover a aplicação dos diferentes mecanismos do Tratado de Montevideu 1980, especialmente naqueles produtos destinados à produção industrial.

A seleção de produtos específicos permitirá identificar o potencial de cooperação regional no âmbito da complementação, na produção e comercialização de produtos frescos, refrigerados, congelados e processados, especialmente levando em conta que existe uma oferta latino-americana que pode competir de forma eficiente em nível mundial, existindo também possibilidades de melhorar os atuais fluxos de comércio intra-regionais através da adoção de diversas medidas tarifárias e não-tarifárias.

Adicionalmente, é necessário explorar e criar novas vinculações comerciais, através de jornadas e rodadas de negociações, tanto na ALADI quanto em diversos países latino-americanos não-membros, o qual abre um campo de expansão do comércio.

Levando em conta o indicado anteriormente, a Secretaria-Geral realizou uma série de estudos em nível dos países-membros com a colaboração de consultores contratados localmente, que realizaram visitas às organizações e entidades do setor público e privado, vinculadas com o subsetor legumes e hortaliças.

Cabe assinalar que para a elaboração dos estudos existiram grandes limitações, dadas pelo estado de desenvolvimento do subsetor nos países-membros, o que levou a organizar os estudos em alguns casos por grupos de países e em outros de forma individual.

O presente estudo se refere à situação do Chile. Após situar a importância relativa do subsetor legumes e hortaliças são analisadas algumas variáveis de mercado como superfície cultivada, produção, valor bruto da produção, estrutura das explorações agrícolas do subsetor e exportações chilenas destes produtos. Prossegue com o exame da atividade exportadora através da estrutura empresarial, existente, canais de exportação e a participação na função exportadora.

O capítulo 4 desenvolve a análise do comércio exterior através das exportações e importações agrícolas e, em particular, do setor legumes e hortaliças

//

mas

//

Na quinta parte do estudo encara a análise específica por item. Para o caso de feijão, grão-de-bico, ervilha, lentilha e batata, o exame inclui os seguintes aspectos: superfície de produção, localização geográfica, rendimentos, exportações, consumo interno e valor bruto da produção.

No caso do tomate, cebola e alho não foi possível chegar ao mesmo desenvolvimento da informação já que a disponibilidade da mesma para estas hortaliças foi significativamente menor.

No seguinte capítulo se apresentam informações gerais referentes à indústria de transformação de legumes e hortaliças no Chile.

Finalmente, como culminação do estudo são analisados alguns aspectos sobre a situação institucional do setor, em particular referente ao regime de importações e controles sanitários e à geração e transferência tecnológica no Chile.

O Capítulo conclui com algumas considerações gerais sobre a situação do setor agrícola chileno e os delineamentos principais que até o momento definem a política agrícola em execução.

---

//

//

## CAPÍTULO 4

### IMPORTÂNCIA RELATIVA DO SUBSETOR LEGUMES E HORTALIÇAS

#### 1.1 Superfície

Por sua grande longitude, o Chile, como muito poucos outros países, possui grande diversidade climática através de suas diferentes regiões, a saber: clima desértico e de estepa em sua zona norte, temperados-cálidos em sua zona central, temperados chuvosos no sul, de tundras, estépico e marítimo chuvoso em sua parte austral e autenticamente polar em seu extremo sul.

A superfície qualificada como agrícola atinge no Chile um total aproximado de 29 milhões de hectares, das quais 3.318.000 hectares correspondem à área de cultivo ou de lavra, representando perto de 12 por cento da superfície agrícola total.

A superfície que corresponde propriamente a cultivos anuais, que é a de maior importância para os objetivos do presente trabalho, atinge um total de 1.200.000 hectares, dentro das quais convém ressaltar que 610.000 hectares são destinadas a cereais, 260.000, a leguminosas e batatas, e 100.000, a hortaliças.

Os nove itens que serão matéria do presente estudo: feijões, lentilhas, grãos-de-bico, ervilhas, batatas, tomates, aspargos, cebolas e alhos representam dentro da superfície total de cultivos anuais agrícolas do país uma participação que veio aumentando paulatinamente no período compreendido entre 1977 e 1981, elevando-se de 20 por cento até chegar a aproximadamente 29 por cento entre ambos os anos extremos, comprometendo 260.000 hectares em 1977, para aproximadamente 310.000 hectares em 1981. Isto é, que a superfície envolvida pelos nove itens foi incrementando-se em aproximadamente 20 por cento no quinquênio indicado.

Cabe salientar que, no mesmo período, a superfície total de cultivos anuais do país apresenta uma diminuição de 16 por cento, ao variar de um total de 1.286.810 hectares em 1976 para 1.078.760 hectares em 1981. No triênio 81/82 - 83/84 se produz uma marcada diminuição da área de todos os legumes e da batata se comparada com a superfície cultivada em 1980-81. A diminuição para a totalidade da área de cultivo de legumes e batata atinge 27 por cento com relação a 1980-81. No mesmo período a superfície dos cultivos anuais diminuiu 2,6 por cento com relação a 1980-81. Dentro deste último triênio analisado deve registrar-se que o último ano, 1983/84, mostra leve recuperação, quase geral, da área de legumes.

Considerando separadamente os cinco itens do grupo leguminosas e batatas (feijão, lentilhas, ervilhas, grãos-de-bico e batatas) e os quatro do grupo hortaliças (aspargos, tomates, cebolas e alhos), pode salientar-se que tanto sua incidência nos cultivos anuais totais quanto sua evolução no quinquênio apresenta diferenças que é útil assinalar. Com efeito, do total da superfície comprometida pelos nove itens, que representaram em 1981, 28,7 por cento da superfície total de cultivos anuais do país, o grupo leguminosas e batatas representou 26,8 por cento, enquanto o grupo hortaliças, apenas 1,9 por cento desse total. No último triênio a participação de leguminosas e batatas diminuiu para 20 por cento com relação à área de cultivos anuais.

mas

//

//

No tocante às mudanças da superfície comprometida de forma separada por ambos os grupos de produtos no quinquênio, podem-se também assinalar diferenças. Enquanto o grupo leguminosas e batatas aumenta 22 por cento, de 237.220 hectares em 1977 para 289.080 hectares em 1981, o grupo hortaliças diminui 11,8 por cento, ao variar de 23.073 hectares para 20.340, entre ambos os períodos. No quadro no. 1 apresenta-se a informação comentada para os itens objeto de estudo.

## 1.2 Divisão político-administrativa

Devido a que no decorrer do presente estudo será feita permanente referência às zonas produtoras em relação aos diferentes itens matéria de análise, estimou-se útil consignar a atual divisão e estrutura regional que rege no país, pela estreita vinculação existente entre essa divisão e os principais centros produtores nacionais.

A partir de 1974, e por Decreto-Lei no. 575 do Ministério do Interior, estabelecem-se as novas normas para a divisão político-administrativa do país, substituindo-se desta maneira a anterior divisão territorial-administrativa de 25 províncias em que estava dividido o país, por uma nova, constituída e denominada por doze regiões, dentro das quais passam a agrupar-se geograficamente as 25 províncias anteriores, dando assim origem à seguinte divisão político-administrativa, do norte a sul do país.

| REGIÃO   | CAPITAL REGIONAL | PROVÍNCIA NOME  |
|--|------------------|---|
| I Região de Tarapacá<br>(242.000 habitantes)                                 | Iquique          | Arica, Iquique, Parinacota                                    |
| II Região de Antofagasta<br>(315.000 habitantes)                             | Antofagasta      | Tocopilla, El Loa, Antofagasta                                |
| III Região de Atacama<br>(200.500 habitantes)                                | Copiapó          | Chañaral, Copiapó, Huasco                                     |
| IV Região de Coquimbo<br>(419.000 habitantes)                                | La Serena        | Elqui, Limarí, Chocapa, Petorca, Los Andes                    |
| V Região de Valparaíso<br>(1.241.600 habitantes)                             | Valparaíso       | San Felipe, Quillota, Valparaíso, San Antonio, Isla de Pascua |
| VI Região del Libertador<br>Gral. Bernardo O'Higgins<br>(570.000 habitantes) | Rancagua         | Cachapoal, Colchagua, Cardenal Caro                           |
| VII Região del Maule<br>(710.500 habitantes)                                 | Talca            | Curicó, Talca, Linares, Cauquenes                             |
| VIII Região del Bío-Bío<br>(1.483.700 habitantes)                            | Concepción       | Ñuble, Bío-Bío, Concepción, Arauco                            |
| IX Região da Araucanía<br>(659.000 habitantes)                               | Temuco           | Malleco, Cautín   |

//

//

|  |              |  |
|--|--------------|--|
| X Região dos Lagos<br>(868.000 habitantes)                               | Puerto Montt | Valdivia, Osorno, Llanquihue, Chiloé, Palena                           |
| XI Região Aysén del Gral. Carlos Ibáñez del Campo<br>(64.000 habitantes) | Coihaique    | Aysén, Coihaique, General Carrera, Capitán Prat                        |
| XII Região de Magallanes e Antártica Chilena<br>(103.500 habitantes)     | Punta Arenas | Magallanes, Última Esperanza, Tierra del Fuego, Antártica Chilena      |
| Região Metropolitana de Santiago<br>(4.313.500 habitantes)               | Santiago     | Chacabuco, Cordillera, Maipo, Talagante, Melipilla, Área Metropolitana |

//

## Quadro no. 1

SUPERFÍCIE CULTIVADA POR ITENS: QUE SE INDICAM  
(Hectares)

| ITEM                  | Variação  |           |           |           |           |                  |           |           |           | Variação<br>1984-1981<br>(Z) |
|-----------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------------|-----------|-----------|-----------|------------------------------|
|                       | 1976-1977 | 1977-1978 | 1978-1979 | 1979-1980 | 1980-1981 | 1981-1976<br>(%) | 1981-1982 | 1982-1983 | 1983-1984 |                              |
| 1. Feijão             | 97.300    | 111.740   | 109.990   | 110.700   | 117.740   | 21,0             | 121.500   | 86.400    | 84.500    | - 29,2                       |
| 2. Lentilha           | 30.930    | 31.840    | 50.360    | 52.360    | 47.660    | 54,0             | 38.900    | 23.100    | 23.700    | - 50,3                       |
| 3. Grão-de-bico       | 8.270     | 11.010    | 16.810    | 20.570    | 16.230    | 96,2             | 10.100    | 7.800     | 11.900    | - 26,7                       |
| 4. Ervilha            | 15.660    | 17.150    | 16.160    | 18.200    | 17.530    | 12,0             | 12.100    | 9.700     | 9.600     | - 45,3                       |
| 5. Batata             | 85.060    | 90.820    | 80.930    | 88.760    | 89.920    | 5,7              | 77.400    | 67.200    | 81.400    | - 9,5                        |
| Subtotal Legumes      | 237.220   | 262.560   | 274.250   | 291.180   | 289.080   | 21,9             | 260.000   | 194.200   | 211.100   | - 27,0                       |
| 6. Aspargo            | 290       | 320       | 420       | 420       | 440       | 5,7              |           |           |           |                              |
| 7. Tomate             | 10.690    | 11.800    | 11.300    | 12.300    | 12.000    | 12,2             |           |           |           |                              |
| 8. Cebola             | 9.703     | 9.570     | 7.082     | 7.100     | 6.800     | - 30,0           |           |           |           |                              |
| 9. Alho               | 2.390     | 2.220     | 1.776     | 1.700     | 1.100     | - 52,2           |           |           |           |                              |
| Subtotal Hortaliças   | 23.073    | 23.910    | 20.578    | 21.520    | 20.340    | - 11,8           |           |           |           |                              |
| Total 9 itens         | 260.293   | 286.470   | 294.828   | 312.700   | 309.420   | 18,9             |           |           |           |                              |
| Total culturas anuais | 1.286.810 | 1.195.270 | 1.250.310 | 1.237.070 | 1.078.760 | - 16,2           | 944.900   | 870.700   | 1.050.500 | - 2,6                        |
| % 9 itens em total    | 20,2      | 24,0      | 23,6      | 25,3      | 28,7      |                  |           |           |           |                              |
| % grupo Legumes       | 18,4      | 21,9      | 29,1      | 23,5      | 26,8      |                  | 27,5      | 22,3      | 20,1      |                              |
| % grupo Hortaliças    | 1,8       | 2,4       | 1,6       | 1,7       | 1,9       |                  |           |           |           |                              |

Fonte: Elaborado com dados de INE e Ministério da Agricultura.

//

## CAPÍTULO 2

### ANÁLISE DE ALGUMAS VARIÁVEIS DA PRODUÇÃO

#### 2.1 Produção

A produção dos itens legumes e hortaliças que compreende o presente estudo apresenta-se em sua evolução correspondente ao período 1976-77 até o ano de 1983 no quadro no. 2.

Segundo se observa no quadro no. 2, o comportamento dos níveis de produção por tipo de cultivo durante o período antes indicado foi o seguinte:

- a) a produção de feijão se incrementa até 1982 e registra dois anos de diminuição muito significativa em 1979-80 e em 1983. Neste último ano a produção se reduz em quase 50 por cento com relação a 1982, que com 162.000 toneladas constituiu o ponto máximo de produção no período analisado;
- b) a produção de lentilhas mostra-se em uma evolução errática, para tomar uma linha de declínio a partir de 1980 até o final do período. A comparação dos anos extremos do mesmo revela uma diminuição de 41 por cento na produção;
- c) a produção de grãos-de-bico aumentou permanentemente e chegou a mais do dobro entre 1976-77 e 1979-80 para depois diminuir para 50 por cento no final do período com relação ao ponto máximo alcançado em 1979-80;
- d) a produção de ervilhas revela estabilidade até 1980-81 a partir do qual se verifica um declínio significativo da produção até o final do período;
- e) a produção de batatas mostra certa estabilidade até o ano de 1980-81 para logo iniciar uma evolução decrescente que determina entre o início e o final do período analisado uma queda do volume físico de 26 por cento;
- f) a produção de tomates permaneceu no período sem sofrer flutuações importantes. A diferença entre o ano de máxima produção (1977-78) e o de menor produção (1979-80 e 1980-81) não superou 10 por cento;
- g) da mesma maneira que o produto anterior, a produção de cebola registra comportamento muito estável no decorrer do período; e
- h) a produção de alhos duplicou-se entre 1976-77 e 1977-78 para depois iniciar um declínio constante até o final do período. No decorrer do mesmo registra uma diminuição da produção física de 22 por cento, mas se se com para o ano de máxima produção com o final do período, a diminuição foi de 61 por cento.

//

mas

//

Como comentário geral pode afirmar-se que a produção de legumes e hortaliças no Chile no período 1976-77 até 1983 mostra certa estagnação com tendência à diminuição dos volumes produzidos. Se se exclui da análise o ocorrido no último ano do período, a diferença no volume de produção entre o ano de máxima e de menor produção situou-se em 10 por cento. O ano de 1983 registra um declínio mais pronunciado da produção que coloca para todo o período um declínio de 22 por cento da mesma nos itens legumes e hortaliças.

QUADRO No. 2CHILE: VOLUMES DE PRODUÇÃO DE LEGUMES E HORTALIÇAS

(Em toneladas 1976-77 até 1983)

|              | 1976-77 | 1977-78 | 1978-79 | 1979-80 | 1980-81   | 1982    | 1983    |
|--------------|---------|---------|---------|---------|-----------|---------|---------|
| Feijão       | 112.380 | 112.060 | 116.290 | 84.240  | 138.240   | 162.000 | 84.000  |
| Lentilha     | 23.770  | 18.960  | 31.690  | 26.840  | 17.690    | 15.820  | 13.840  |
| Grão-de-bico | 4.990   | 5.470   | 9.380   | 11.600  | 6.430     | 4.090   | 3.230   |
| Ervilha      | 13.710  | 15.650  | 14.580  | 13.590  | 10.960    | 7.410   | 5.690   |
| Batata       | 928.390 | 980.740 | 770.490 | 903.130 | 1.007.260 | 841.550 | 683.620 |
| Tomate       | 164.000 | 172.000 | 172.000 | 155.000 | 155.000   | 158.000 | 160.000 |
| Cebola       | 129.000 | 129.000 | 126.000 | 130.000 | 125.000   | 127.000 | 128.000 |
| Alho         | 9.000   | 18.000  | 15.000  | 13.000  | 6.000     | 7.000   | 7.000   |

Fonte: INE, Ministério da Agricultura e FAO.

2.2 Valor bruto da produção

A produção dos 9 itens do subsetor Legumes e Hortaliças representa valores globais de marcada significação. Com efeito, e servindo de base comparativa o produto geográfico bruto do setor Agro-Silvícola do país (1) os 9 itens em estudo participam, no quinquênio 1977-1981, com um valor conjunto que flutuou entre 30 e 36 por cento do produto total antes mencionado.

(1) Dentro do cômputo de "Contas Nacionais" não existe maior desagregação setorial útil para a comparação descrita.

mas

//

QUADRO No. 3

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DO SUBSETOR LEGUMES E HORTALIÇAS EM  
 COMPARAÇÃO AO PRODUTO GEOGRÁFICO BRUTO AGRO-SILVÍCOLA  
 (Dólares correntes)

| I T E M                                     | 1977          | 1978          | 1979          | 1980          | 1981          |
|---|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
|   | US\$          | US\$          | US\$          | US\$          | US\$          |
| Feijão                                      | 45.703.693    | 26.123.744    | 39.044.362    | 89.334.410    | 175.570.619   |
| Lentilha                                    | 9.995.864     | 11.815.499    | 22.287.935    | 25.250.751    | 15.685.525    |
| Grão-de-bico                                | 2.224.847     | 3.003.107     | 6.847.098     | 6.481.308     | 2.842.659     |
| Ervilha                                     | 4.888.245     | 6.878.686     | 8.517.068     | 6.041.395     | 3.877.591     |
| Batata                                      | 90.770.164    | 75.560.644    | 112.977.620   | 158.881.408   | 162.117.205   |
| Tomate                                      | 144.766.573   | 152.432.000   | 209.029.000   | 246.000.000   | 273.230.000   |
| Cebola                                      | 55.688.022    | 35.541.521    | 28.217.342    | 52.758.461    | 53.214.358    |
| Alho  | 11.826.183    | 8.767.919     | 6.381.423     | 11.790.153    | 18.845.538    |
| Aspargo                                     | 2.827.298     | 2.655.510     | 3.632.215     | 6.246.154     | 5.415.385     |
| Total Subsetor                              | 368.690.889   | 322.778.630   | 436.934.063   | 602.784.040   | 710.798.880   |
| Produto geográfico bru<br>to Agro-Silvícola | 1.245.914.000 | 1.078.023.000 | 1.388.456.000 | 1.854.205.000 | 1.959.795.000 |
| % do Subsetor                               | 29.6          | 29.9          | 31.5          | 32.5          | 36.3          |

Fonte: Elaborado com: 1) Dados da ODEPA, e 2) Banco Central do Chile.

//

A tendência crescente que experimenta o valor bruto da produção do sub-setor legumes e hortaliças não somente se manifesta ao crescer em valores absolutos em 93 por cento no quinquênio, ao aumentar de US\$ 369 milhões em 1977 para 711 milhões em 1981, mas também se eleva sua importância relativa dentro do produto agro-silvícola total ao variar percentualmente entre os anos mencionados de 30 para 36 por cento do total do produto.

No quadro no. 3 pode apreciar-se o valor bruto gerado pelos diferentes itens considerados e sua participação no produto geográfico bruto agro-silvícola.

### 2.3 Tamanho e número das explorações por produto

A única fonte oficial disponível no país para fazer um levantamento, tanto do número de explorações envolvidas em cada um dos 9 itens como das partes de superfície dominante dessas explorações, está constituída pelo último Censo Agropecuário realizado em 1976.

Não obstante o anterior, estima-se que o perfil resultante das cifras que dá o mencionado Censo, não variou em 1982 num grau que fizesse pensar em uma alteração estrutural de fundo da situação prevalescente em 1976. A tendência quanto ao tamanho dominante das explorações deve supor-se, portanto, relativamente semelhante à existente até a data do já mencionado Censo de 1976.

Como primeiro fato de interesse convém assinalar o elevado número de explorações dedicadas à produção dos itens do sub-setor. Com efeito, a fonte utilizada permite calcular que os 9 itens movimentavam em torno de si um total de 274.949 explorações produtivas, e cuja descomposição por cada item mostra-se no quadro no. 4.

#### QUADRO No. 4

##### NÚMERO DE EXPLORAÇÕES SEGUNDO ITENS QUE SE INDICAM

| Item         | No. de explorações | % do total    |
|--------------|--------------------|---------------|
| Feijão       | 74.093             | 26.95         |
| Lentilha     | 12.614             | 4.59          |
| Ervilha      | 17.595             | 6.40          |
| Grão-de-bico | 2.639              | 0.86          |
| Batata       | 129.942            | 47.26         |
| Alho         | 5.637              | 2.05          |
| Cebola       | 22.123             | 8.04          |
| Aspargo      | 105                | 0.85          |
| Tomate       | 10.471             | 3.80          |
| <b>TOTAL</b> | <b>274.949</b>     | <b>100.00</b> |

Fonte: Elaborado com dados do Censo Agropecuário mencionado.

//

//

É fácil observar a elevada concentração de explorações em torno do item batatas e feijão, representando estes em conjunto 74 por cento das explorações totais.

O segundo fato de importância que emana das cifras disponíveis é a elevada densidade e polarização das explorações em partes de menor superfície. Efetivamente, e quase sem exceção, o maior número das explorações se concentra em superfícies que vão de 0.5 para 50 hectares.

Somente como exemplo pode assinalar-se que, no caso do feijão, aproximadamente 90 por cento das explorações se encontra compreendida na parte de superfície antes mencionada.

No caso das batatas, essa percentagem atinge 84 por cento.

A tendência exposta é visível também nos demais itens do subsetor, fato que pode apreciar-se no quadro no. 5.

Do mesmo quadro exposto pode ver-se que a superfície total semeada em cada um dos 9 itens é de igual maneira majoritária naquelas explorações que possuem menos de 0,5 a 50 hectares. O único caso de exceção constitui o grão-de-bico, no qual a superfície total semeada dentro do estrato assinalado atinge 39 por cento. Todos os demais itens exibem valores concentrados superiores a 50 por cento dentro da parte já mencionada.

//



//

CAPÍTULO 3ATIVIDADE EXPORTADORA DO SUBSETOR LEGUMES E HORTALIÇAS3.1 Empresas exportadoras de acordo com o item

Como consequência lógica da modalidade de canalização imperante no Chile para a exportação de Legumes e Hortaliças, com escassa participação direta do produto nesse processo, configura-se uma rede de canais concentrados em número relativamente pequeno de empresas exportadoras, principalmente levando em consideração a elevada densidade de explorações produtoras existentes nos diferentes itens do Subsetor.

Com efeito, e à luz das reais exportações realizadas durante 1982 para seis dos principais itens de Legumes e Hortaliças, pode verificar-se que essas exportações se canalizaram através da distribuição de empresas que consigna o quadro no. 6.

QUADRO No. 6Empresas exportadoras de acordo com o item

| <u>Item Exportado</u> | <u>No. de empresas</u> | <u>Número de Explorações Produtoras</u> |
|-----------------------|------------------------|---|
| Feijão                | 31                     | 74.093                                  |
| Lentilha              | 22                     | 12.614                                  |
| Grão-de-bico          | 11                     | 2.369                                   |
| Ervilha               | 8                      | 17.595                                  |
| Alho                  | 14                     | 5.637                                   |
| Cebola                | 23                     | 22.123                                  |

Fonte: Elaborado com dados do Banco Central do Chile e do INE.

Cabe salientar que boa parte do número de empresas que figuram no quadro exportando um item em particular, são as mesmas que operam também outros dos produtos consignados, especialmente no caso de Leguminosas.

É interessante destacar que, não obstante o relativo pequeno número de empresas exportadoras existentes para os itens do estudo, essas empresas apresentam marcadas diferenças no referente a valores por elas exportados, podendo notar-se que os maiores valores se concentram em um número reduzido de empresas em nível de cada item exportado.

Com efeito, das 31 firmas comerciais exportadoras de Feijão, 8 exportaram 80 por cento do valor total registrado no mencionado ano de 1982. O restante 20 por cento realizou-se através das demais 23 empresas exportadoras registradas.

Embora com pequenas variações que não alteram a tendência de concentração empresarial exibidas no caso do Feijão, a situação também é visível, tanto nas demais leguminosas consignadas quanto em Alhos e Cebolas.

//

O quadro no. 7 mostra a distribuição percentual das exportações por número de empresas envolvidas como um indicador do grau de concentração da atividade exportadora.

### 3.2 Estrutura empresarial para a exportação

Devido a que os objetivos centrais do presente trabalho são chegar a configurar um perfil do Chile como prototipo de país produtor-exportador nos nove itens compreendidos no estudo, a estrutura empresarial será descrita precisamente através das características funcionais e estruturais que apresentam as empresas exportadoras ligadas aos itens-objetivos.

#### 3.2.1 Função produção-exportação

O grau de integração existente entre a gestão exportadora e a função de produção fica determinado no caso chileno pelas principais alternativas de canais de comercialização existentes e através dos quais fluem os diferentes produtos para o exterior.

As alternativas de canais vigentes para a exportação são descritas em nível de grupos de produtos afins, por não existirem diferenças importantes entre um e outro item individualmente considerado no que se refere a exportações.

#### 3.2.2 Principais canais de exportação

A fim de evidenciar o ou os canais de maior utilização e, por conseguinte, o grau de integração resultante do emprego de cada um deles, convém previamente assinalar o espectro de possibilidades vigentes no Chile para a comercialização de exportações de itens agropecuários em geral, e quais deles são aplicáveis ao caso leguminosas e hortaliças.

Com relação a este aspecto é possível distinguir as seguintes quatro possibilidades principais:

- a) Produtor exporta diretamente: Neste caso o produtor assume pessoal e integralmente toda a gestão comercial de exportações, ou seja, produz o item, identifica clientes, negocia e concretiza suas operações de exportação, realiza os despachos, obtém e liquida o retorno final pelo valor de suas exportações.
- b) Consignatário: Neste caso o produtor delega a um consignatário todas as operações referentes à exportação, ou seja que, além de deixar situado seu produto em um ponto convencional de despacho, todas as demais funções são desempenhadas pelo consignatário.

Em consequência, cabe ao consignatário a busca de clientes, a negociação e bases da operação comercial, preços, condições de venda e pagamento, etc. Após culminada a operação, o consignatário entrega ao produtor uma liquidação, na qual se demonstra o valor final resultante da operação, menos a percentagem retida em favor do consignatário como retribuição por seus serviços e custos realizados por este no desenvolvimento da operação.

//

QUADRO No. 7

NÚMERO DE EXPORTADORES QUE EXPORTAM OS ESTRATOS  
PERCENTUAIS DE VALOR QUE SE INDICAM

| Item         | Total N° de Exportadores | Relação No. Exportadores / Parte percentual de Valor Exportado |         |          |           |           |           |           |           |   |   | Valor total Exportado em 1982 (US\$) |
|--------------|--------------------------|--|---------|----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|---|---|--------------------------------------|
|              |                          | -1% a 1%   | 1% a 5% | 5% a 10% | 10% a 15% | 15% a 20% | 20% a 25% | 25% a 30% | 30% a 35% |   |   |                                      |
| Feijão       | 31                       | 18   | 6       | 1        | 3         | 1         | 0         | 0         | 0         | 0 | 0 | 12.226.000                           |
| Grão-de-bico | 11                       | 0  | 4       | 3        | 2         | 3         | 1         | 0         | 0         | 0 | 0 | 901.000                              |
| Lentilha     | 22                       | 12   | 4       | 3        | 1         | 2         | 0         | 1         | 0         | 0 | 0 | 2.889.000                            |
| Ervilha      | 8                        | 0  | 1       | 4        | 0         | 1         | 0         | 1         | 0         | 0 | 1 | 230.000                              |
| Alho         | 14                       | 2  | 4       | 4        | 3         | 1         | 0         | 0         | 0         | 0 | 0 | 1.224.000                            |
| Cebola       | 23                       | 13   | 3       | 4        | 1         | 1         | 0         | 1         | 1         | 0 | 0 | 7.525.000                            |

Fonte: Quadro elaborado com dados de Exportação do Banco Central do Chile.

//

- c) Agente comisionista: O Agente comisionista é uma entidade de intermediação comercial e cujo trabalho se limita na prática a buscar e pôr em contato um cliente do exterior com um produtor determinado, sendo responsabilidade deste último toda a operação e posterior desenvolvimento do negócio, por cuja geração o Agente é retribuído com uma comissão pactuada previamente com o produtor.
- d) Empresa comercial exportadora: Sob esta fórmula o produtor se limita a produzir e vender produtos no mercado interno a firmas comerciais de exportação, normalmente sob contratos de compra antecipada. Não existe, portanto, maior vínculo comercial que a entrega interna do produto nas condições contratuais pactuadas, sendo toda a gestão exportadora função exclusiva da firma comercial compradora do produto.

Das quatro possibilidades de comercialização descritas, esta última constitui a modalidade dominante de comercialização de exportação de itens do subsetor em estudo.

Embora não aconteça muito, podem-se também comprovar fórmulas de comercialização sob consignações, mas quando isso acontece são as mesmas firmas comerciais de exportação as que desempenham este duplo papel.

Dos comentários expostos pode concluir-se que o grau de integração vertical no processo exportador é inexistente, prevendo-se que esta tendência continuará prevalecendo no futuro devido ao crescente grau de especialização que foi sendo adquirido, tanto pelos produtores quanto pelos exportadores no âmbito de funções que a cada um delas corresponde.

### 3.2.3 Presença estatal na comercialização de exportações

O modelo econômico que vem aplicando-se no Chile a partir do final do ano de 1973 contempla entre um de seus postulados básicos, o torgar ao Estado um papel totalmente subsidiário, no sentido de não intervir em atividades econômicas cujas decisões se supõem privativas ou de responsabilidade exclusiva dos agentes ou empresários privados.

Sob esta filosofia é óbvio concluir que nas gestões de comercialização, tanto interna quanto de exportação, o Estado chileno e suas entidades correspondentes mantêm uma absoluta prescindência nas gestões de geração e desenvolvimento de negócios, que se supõe corresponderem exclusivamente à iniciativa privada.

Daí que na atualidade o Estado chileno não possua canais próprios de comercialização nos itens do subsetor, nem como entidade compradora nem vendedora, por considerar-se que isso interferiria no livre desenvolvimento do setor privado neste tipo de operações.

//

//

## CAPÍTULO 4

### COMÉRCIO EXTERIOR

#### 4.1 Exportações totais

A exportação total de produtos agrícolas primários no Chile mostra constante aumento no período 1977-1981, tendo-se incrementado em 81 por cento em dólares FOB corrente, entre os anos extremos do quinquênio, com valores totais de US\$ 177 milhões e US\$ 321 milhões, respectivamente.

Por sua vez, os nove produtos analisados no presente estudo, embora em menor grau, também refletem aumentos que atingem 13 por cento entre os anos 1977 e 1981, ao registrar valores de US\$ 45 milhões e US\$ 51 milhões, respectivamente.

Em nível de itens específicos, pode afirmar-se que o feijão, a lentilha, o grão-de-bico, e a cebola determinam a maior contribuição dentro das exportações totais dos nove produtos, tendo chegado a representar aqueles, em 1981, 90 por cento desse total. No quadro no. 8, observa-se pormenorizadamente, por itens, as exportações realizadas no período 1977-1981.

O mercado constituído por países da ALADI, exceto no caso de cebolas e aspargos, representa sem dúvida o principal centro de absorção geográfica de exportações desses produtos chilenos.

Com efeito, e salvo as exceções já anotadas, todos os demais produtos dos Grupos Legumes e Hortalças registram valores de exportação destinados ao mercado da ALADI, que representam percentagens muito superiores às canalizadas para outras áreas de mercado do resto do mundo.

A aproximação geográfica, os menores custos comparados de transporte, acrescentados a uma forte vinculação comercial consolidada no tempo entre exportadores chilenos e importadores de países do Tratado, foram poderosos fatores que contribuíram para configurar uma estrutura de mercado que concentra parte significativa das exportações de Legumes e Hortalças do Chile.

O quadro no. 9 resume as exportações totais do subsetor Legumes e Hortalças chilenas e a parte de mercado que representa ALADI para cada item em particular.

#### 4.2 IMPORTAÇÕES

##### 4.2.1 Produtos agrícolas

A análise da estrutura das importações chilenas revela que as correspondentes a produtos agrícolas não incluem operações significativas nos itens de Legumes e Hortalças. Os principais produtos agrícolas importados pelo Chile são: trigo, milho, arroz, café, cevada, óleo de soja, açúcar em bruto, purificado ou refinado, algodão e frutas como bananas, abacates frescos e, ocasionalmente, laranjas frescas. No quadro no. 10 são apresentadas detalhadamente as principais importações de produtos agrícolas no ano de 1983, expressadas em milhares de dólares CIF por região de origem do produto.

//

mas

## QUADRO No. 8

EXPORTAÇÕES SUBSETOR LEGUMES E HORTALICAS E EXPORTAÇÕES  
AGRICOLAS TOTAIS DE PRODUTOS PRIMÁRIOS (US\$ FOB)

| ITENS                           | 1977           | 1978           | 1979          | 1980           | 1981           |
|---------------------------------|----------------|----------------|---------------|----------------|----------------|
| Feijão                          | 12.579.357,29  | 19.369.011,92  | 20.311.941,65 | 31.615.004,85  | 39.606.130,41  |
| Lentilha                        | 9.363.851,52   | 9.307.133,13   | 12.528.820,88 | 14.713.619,10  | 5.424.936,71   |
| Ervilha                         | 806.184,07     | 714.470,48     | 894.448,93    | 124.706,03     | 108.859,37     |
| Grão-de-bico                    | 1.077.394,58   | 2.133.455,77   | 3.989.148,90  | 1.350.430,97   | 2.233.442,16   |
| Batata                          | -              | 14.294,68      | -             | 36.352,87      | 20.980,81      |
| Tomate                          | 3.719,80       | 26.528,10      | 461.565,50    | 1.021.046,19   | 200.538,44     |
| Alho                            | 6.023.739,19   | 4.445.440,24   | 2.155.590,64  | 1.057.607,83   | 599.438,00     |
| Cebola                          | 15.323.037,31  | 3.385.866,63   | 3.888.011,18  | 4.765.514,82   | 3.075.476,13   |
| Aspargo                         | 114.205,38     | 99.253,09      | 14.118,66     | 28.103,65      | 11.131,61      |
| Subtotal 9 produtos »           | 45.291.489,14  | 39.495.454,04  | 44.243.665,00 | 54.712.386,31  | 51.280.934,64  |
| Total Agrícola                  | 176.821.052,48 | 205.869.742,30 | 267.722.423   | 311.869.289,10 | 320.955.839,72 |
| % Subsetor em<br>Total Agrícola | 25,61          | 19,18          | 16,53         | 17,54          | 15,98          |

Fonte: Elaborado com estatísticas de "Boletines de Embarque" de Exportação - ODEPA.

//

QUADRO No. 9

EXPORTAÇÕES TOTAIS CHILENAS DE LEGUMES E  
HORTALIÇAS SEGUNDO ÁREA DE DESTINO

(Valor em dólares FOB de cada ano)

| <u>FELJÃO</u>       | <u>ALADI</u> | <u>RESTO MUNDO</u> | <u>TOTAL</u> | <u>% ALADI</u> |
|---------------------|--------------|--------------------|--------------|----------------|
| 1979                | 11.785.912   | 8.526.030          | 20.311.942   | 58             |
| 1980                | 23.384.575   | 8.230.430          | 31.615.005   | 74             |
| 1981                | 27.994.081   | 11.612.049         | 39.606.130   | 71             |
| <u>LENTILHA</u>     |              |                    |              |                |
| 1979                | 8.285.530    | 4.243.291          | 12.528.821   | 66             |
| 1980                | 13.900.419   | 813.200            | 14.713.619   | 94             |
| 1981                | 5.239.130    | 185.807            | 5.424.937    | 96             |
| <u>GRÃO-DE-BICO</u> |              |                    |              |                |
| 1979                | 2.911.867    | 1.077.281          | 3.989.148    | 73             |
| 1980                | 1.192.877    | 157.554            | 1.350.431    | 88             |
| 1981                | 1.894.927    | 338.516            | 2.223.443    | 85             |
| <u>ERVILHA</u>      |              |                    |              |                |
| 1979                | 874.115      | 20.334             | 894.448      | 98             |
| 1980                | 103.724      | 20.983             | 124.707      | 83             |
| 1981                | 104.275      | 4.584              | 108.859      | 96             |
| <u>BATATA</u>       |              |                    |              |                |
| 1979                | -            | -                  | -            | -              |
| 1980                | 36.353       | -                  | 36.353       | 100            |
| 1981                | 20.981       | -                  | 20.981       | 100            |
| <u>TOMATE</u>       |              |                    |              |                |
| 1979                | 461.280      | 306                | 461.586      | 99,93          |
| 1980                | 1.011.577    | 9.469              | 1.021.046    | 99,07          |
| 1981                | 199.478      | 1.060              | 200.538      | 99,47          |
| <u>CEBOLA</u>       |              |                    |              |                |
| 1979                | 70.574       | 3.817.437          | 3.888.011    | 1,82           |
| 1980                | 36.824       | 4.728.690          | 4.765.514    | 0,77           |
| 1981                | 46.132       | 3.029.344          | 3.075.476    | 1,5            |
| <u>ALHO</u>         |              |                    |              |                |
| 1979                | 704.648      | 1.450.943          | 2.155.590    | 32,69          |
| 1980                | 431.898      | 625.709            | 1.057.607    | 40,83          |
| 1981                | 870          | 598.568            | 599.438      | 0,15           |
| <u>ASPARGO</u>      |              |                    |              |                |
| 1979                | 535          | 13.584             | 14.118       | 3,79           |
| 1980                | 22.944       | 5.160              | 28.103       | 81,64          |
| 1981                | -            | 11.132             | 11.131       | -              |

Fonte: Elaborado com dados de "Embarque de Exportação, de Produtos Agrícolas" do Ministério da Agricultura - ODEPA.

//

QUADRO No. 10IMPORTAÇÕES DO CHILE (1983)  
(Em milhares de dólares CIF)

|                               | <u>ALADI</u><br>Milhares de US\$ | <u>RESTO DO MUNDO</u><br>Milhares de US\$ |
|-------------------------------|----------------------------------|---|
| TOTAL IMPORTAÇÕES             | 761.973                          | 1.991.668                                 |
| TOTAL PRINCIPAIS PRODUTOS     | 484.234                          | 430.837                                   |
| TOTAL PRINCIPAIS P. AGRÍCOLAS | 191.232                          | 213.848                                   |
| Algodão                       | 20.569                           | 503                                       |
| Trigo                         | 19.780                           | 178.276                                   |
| Banana                        | 9.530                            | 6   |
| Café                          | 8.553                            | 127                                       |
| Erva-mate                     | 8.025                            | -   |
| Óleo soja                     | 53.446                           | 702                                       |
| Açúcar, beterraba e Cana      | 41.974                           | 5.677                                     |
| Arroz                         | 6.008                            | 4.674                                     |
| Milho                         | 5.354                            | 17.079                                    |
| Farelos de Soja               | 7.994                            | -   |
| Leite em pó                   | 9.999                            | 6.804                                     |
| TOTAL OUTROS PRODUTOS         | 277.739                          | 1.560.831                                 |

Fonte: Estatísticas de Comércio Exterior - Chile (ALADI) 1983.

Para Legumes e Hortalças (capítulo 7) o total das importações atinge apenas US\$ 1.160.000, dos quais US\$ 24 mil correspondem a importações provenientes da Argentina e US\$ 13 mil de importações de origem brasileira. Correspondem a Legumes e Hortalças do resto do mundo US\$ 1.106.000, distribuindo-se em US\$ 382 mil de feijão, US\$ 505 mil por conceito de ervilhas e US\$ 219 mil por outros produtos do capítulo.

Não se registram importações de conservas de legumes e hortalças no ano em consideração.

#### 4.2.2 Importações de insumos

Com exceção do Salitre (nitrato de sódio), que é de origem nacional, os demais fertilizantes e pesticidas na agricultura chilena são importados.

À luz dos registros existentes no Banco Central para o triênio 1980-1982 pôde constatar-se que o valor médio de importações para fertilizantes e pesticidas atingiu nesse período aproximadamente US\$ 60 milhões, dos quais 67 por cento correspondeu a fertilizantes e 33 por cento a pesticidas.

Quanto a volumes importados, a informação somente se refere a fertilizantes, e esta atingiu 261.000 toneladas em 1980, para diminuir significativamente em 1982 para 93.000 toneladas, ou seja, menor volume, equivalente a 64 por cento.

Embora não tenha sido possível obter informação referente ao destino e aplicação dos diferentes fertilizantes importados na produção dos itens do subsetor, de qualquer forma convém que o insumo importado de maior volume corresponde ao "Super Fosfato Triplo".

Os demais itens de fertilizantes importados estão constituídos por: "Uréia", "Cloreto de Potássio", "Sulfato de Potássio" e "Fosfato Mono e Di-Amônico".

O quadro no. 11 resume a situação de importações dos insumos comentados.

QUADRO No. 11

IMPORTAÇÕES DE FERTILIZANTES E PESTICIDAS

| <u>INSUMOS</u>            | <u>QUANTIDADE (T)</u> |         |        | <u>VALOR (Milhões de US\$)</u> |      |      |
|---------------------------|-----------------------|---------|--------|--------------------------------|------|------|
|                           | 1980                  | 1981    | 1982   | 1980                           | 1981 | 1982 |
| Uréia                     | 52.454                | 56.713  | 15.532 | 11,9                           | 13,3 | 2,6  |
| Super Fosfato Triplo      | 106.308               | 91.746  | 34.807 | 21,7                           | 17,6 | 5,3  |
| Cloreto de Potássio       | 31.506                | 19.634  | 31.267 | 4,9                            | 2,8  | 3,1  |
| Sulfato de Potássio       | 16.307                | 11.265  | 3.302  | 3,2                            | 2,8  | 0,7  |
| Fosfato Mono e Di-Amônico | 54.127                | 60.213  | 8.029  | 13,9                           | 13,2 | 1,7  |
| A) Total Fertilizantes    | 260.702               | 239.571 | 92.937 | 55,6                           | 49,7 | 13,4 |
| B) Total Pesticidas       | -                     | -       | -      | 20,2                           | 21,2 | 16,6 |

PREÇOS DE INSUMOS IMPORTADOS

| <u>INSUMOS</u>            | <u>Preços médio CIF por Tonelada (US\$)</u> |      |      | <u>Variación 1982 - 80 (%)</u> |
|---------------------------|---|------|------|--------------------------------|
|                           | 1980  | 1981 | 1982 |                                |
| Uréia                     | 227   | 234  | 165  | -27                            |
| Super Fosfato Triplo      | 204   | 191  | 152  | -25                            |
| Cloreto de Potássio       | 156   | 144  | 100  | -36                            |
| Sulfato de Potássio       | 197   | 249  | 210  | 6                              |
| Fosfato Mono e Di-Amônico | 257   | 219  | 208  | -19                            |

Fonte: Banco Central do Chile

// //

mas

CAPÍTULO 5ANÁLISE EM NÍVEL DE PRODUÇÃO5.1 Feijão5.1.1 Produção e superfície

Dentro das leguminosas de grão seco, o feijão é, depois do trigo, o produto que ocupa a maior superfície dentro dos cultivos anuais totais do Chile, flutuando entre 8 e 11 por cento dessa superfície total.

Tanto a superfície coberta pelo item como sua produção física, apresentam uma tendência crescente nos últimos anos.

Ao comparar o último ano agrícola 1980-1981 com as cifras apresentadas pelo Censo Agropecuário do ano 1964-1965 pode apreciar-se que tanto a superfície comprometida por este item quanto sua produção aumentaram mais do previsto em um período de 15 anos, tal como apreciar-se no quadro no. 12.

QUADRO No. 12SUPERFÍCIE E PRODUÇÃO DE FEIJÃO NO CHILE

| <u>Ano</u><br><u>Agrícola</u> | <u>Superfície</u><br><u>Cultivada (Ha)</u> | <u>Produção</u><br><u>(toneladas)</u> |
|-------------------------------|--|---------------------------------------|
| 1964 - 65                     | 58.447                                     | 58.900                                |
| 1976 - 77                     | 93.300                                     | 112.380                               |
| 1977 - 78                     | 117.740                                    | 112.060                               |
| 1978 - 79                     | 109.990                                    | 116.290                               |
| 1979 - 80                     | 110.700 700                                | 84.240                                |
| 1980 - 81                     | 117.740                                    | 138.240                               |

Fonte: Instituto Nacional de Estatísticas e Ministério de Agricultura.

As favoráveis condições de clima, solo e regadio que possui o Chile para o cultivo deste produto, somadas a uma crescente abertura e consolidação de mercados de exportação, explicam em grande medida os níveis de produção e cultivo atingidos pelo item através do período em estudo.

No âmbito da América Latina, o Chile situa-se como o terceiro país em importância produtora do item, correspondendo os dois primeiros lugares ao Brasil e à Argentina, respectivamente. Esta localização do Chile como país produtor muda e este atinge um segundo lugar como país exportador dentro do conjunto das exportações da América Latina, tendo logrado representar em média, no triênio 1979/1981, um volume equivalente a 26 por cento do total exportado pela região, superado somente pela Argentina, uma vez que o Brasil, não obstante registrar uma média de produção anual de aproximadamente dois milhões de toneladas, destina-a em sua quase totalidade às necessidades de seu mercado interno (1).

(1) Na Seção "Exportações" são analisados mais detalhadamente os comentários ex

//

5.1.2 Principais zonas de produção

Embora o feijão registre cultivos de III à X Regiões do país, as principais zonas produtoras estão circunscritas às Regiões VI, VII e VIII.

Pelas favoráveis condições de solo, clima, manejo e regadio existentes nessas regiões, elas constituem a área produtora de maior importância do item no total do país.

Com efeito, na temporada 1976-1977 as três Regiões indicadas contribuem com 87,5 por cento do total da produção de feijão, situação que se mantém quase inalterável até a temporada 1980-1981, em que essa contribuição se sustenta em nível de 87 por cento.

Embora outras Regiões do país exibam crescimentos percentuais de significação na produção do item, de qualquer forma esses incrementos se referem a valores absolutos de produção muito distantes dos registrados nas Regiões VI, VII e VIII antes comentadas.

O anteriormente exposto permite concluir que, em uma perspectiva futura, as três Regiões assinaladas continuarão sendo as principais fontes zonais de produção de feijão do Chile.

A estrutura regional produtora do item e sua correspondente evolução no quinquênio consignam-se nas cifras do quadro no. 13.

QUADRO No. 13

PRODUÇÃO DE FEIJÃO SEGUNDO REGIÕES  
(Toneladas)

| Região                                 | Anos agrícolas |         |         |        |         | Variação<br>1981-1977 |
|--|----------------|---------|---------|--------|---------|-----------------------|
|  | 76-77          | 77-78   | 78-79   | 79-80  | 80-81   |                       |
| III                                    | 26             | 9       | -       | 11     | 232     |                       |
| IV                                     | 2.026          | 4.851   | 3.069   | 2.756  | 4.221   | 108,3                 |
| V                                      | 2.065          | 1.699   | 2.052   | 2.327  | 3.054   | 47,9                  |
| Região<br>Metropolitana                | 5.280          | 3.808   | 1.831   | 1.854  | 3.308   | -37,3                 |
| VI                                     | 26.750         | 30.461  | 24.315  | 19.524 | 30.146  | 12,7                  |
| VII                                    | 48.250         | 39.868  | 41.668  | 26.712 | 56.602  | 9,0                   |
| VIII                                   | 23.323         | 26.300  | 34.797  | 25.269 | 37.518  | 60,9                  |
| IX                                     | 4.661          | 5.030   | 8.458   | 5.731  | 7.075   | 51,8                  |
| X                                      | -              | 34      | 97      | 53     | 83      |                       |
| Total país                             | 112.381        | 112.060 | 112.290 | 84.240 | 138.290 |                       |
| % VI, VII e<br>VIII Região<br>em total | 87,5%          | 87,8    | 86,6%   | 84,9%  | 86,9%   |                       |

Fonte: INE.

mas

//

//

5.1.3 Rendimentos

O Chile, com a Argentina, exibe um dos rendimentos mais elevados do mundo na produção de feijão, atingindo uma média nacional que oscilou entre 10 e quase 12 quintais métricos por hectare durante o quinquênio 1977-1981.

As VI e VII Regiões do país exibem os rendimentos que se mantiveram mais elevados, tendo-se atingido na primeira delas níveis de rendimentos até 15 quintais métricos por hectare.

Ao comparar a evolução dos rendimentos dentro das diversas Regiões produtoras do país através do quinquênio, pode observar-se que nos anos extremos do período, salvo a Região IX, todas as demais regiões mostram aumentos significativos em seus rendimentos por hectare, situação que se pode observar nas cifras do quadro no. 14.

QUADRO No. 14

EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO POR REGIÃO

(Em quintais métricos por hectare)

| Região     | 76 - 77 | 77 - 78 | 78 - 79 | 79 - 80 | 80 - 81 | Variação<br>81 - 77 % |
|------------|---------|---------|---------|---------|---------|-----------------------|
| III        | 6,5     | 9,0     | -       | 11,0    | 11,6    | 78,5                  |
| IV         | 9,6     | 13,4    | 9,9     | 10,5    | 12,5    | 30,2                  |
| V          | 7,8     | 10,7    | 10,3    | 9,4     | 14,0    | 79,5                  |
| R.M.       | 11,0    | 10,1    | 5,4     | 6,3     | 13,9    | 26,4                  |
| VI         | 14,9    | 13,1    | 12,8    | 10,5    | 15,1    | 1,3                   |
| VII        | 12,6    | 10,4    | 11,0    | 8,2     | 12,6    | 0                     |
| VIII       | 9,1     | 7,9     | 9,9     | 5,9     | 9,9     | 8,8                   |
| IX         | 8,0     | 6,5     | 9,2     | 5,9     | 7,1     | -11,2                 |
| X          | -       | 4,3     | 3,7     | 5,8     | 4,9     | -                     |
| Prom. país | 11,5    | 10,0    | 10,6    | 7,6     | 11,7    |                       |

Fonte: INE.

O aumento generalizado de rendimentos que mostram as diferentes Regiões do país, com exceção da Região IX, pode atribuir-se em grande medida ao auge experimentado pelos mercados de exportação do item, o que trouxe como lógica consequência maior interesse dos produtores por incorporar ao cultivo novas tecnologias, uso de sementes melhoradas, melhor manejo nos controles de pragas e doenças, melhores práticas de fertilização e maior eficiência nas técnicas de regadio.

5.1.4 Exportações

As exportações do item representam parte importante de sua produção total e aumentaram de aproximadamente 30 por cento em 1976-1977 para mais de 40 por cento no ano agrícola 1980-1981, com montantes equivalentes a 33, 105 toneladas a 60.184 toneladas, respectivamente, segundo pode apreciar-se nas cifras do quadro no. 15.

//

//

## QUADRO No. 15

EXPORTAÇÕES DE FEIJÃO

| Ano       | Produção | Exportação | Exp./Prod. (%) |
|-----------|----------|------------|----------------|
| 1976 - 77 | 112.380  | 33.105,68  | 29,46          |
| 1977 - 78 | 112.060  | 55.362,80  | 49,40          |
| 1978 - 79 | 116,290  | 48.795,27  | 41,96          |
| 1979 - 80 | 84.240   | 49.819,63  | 59,14          |
| 1980 - 81 | 138.240  | 60.184,26  | 43,53          |

Fonte: Elaborado com dados de ODEPA - "Boletins de Embarque"

A agressiva política de promoção de exportações, iniciada a partir de 1974 no país, permitiu uma crescente participação do item nos mercados de exportação, aos quais concorrem os exportadores chilenos com ampla gama de variedades, dentro dos quais se destacam por sua importância relativa as variedades Cristal, Arroz, Black Mexican e Hallados, destacando-se dentro das designadas como variedade Black Mexican.

Efetivamente, esta variedade foi adquirindo crescente participação dentro das exportações totais de feijão, como demonstra o fato de que em 1976-1977 sua contribuição, que atingiu 37 por cento do total, eleva-se constantemente para chegar a representar, em 1980-1981, 86 por cento do valor total das variedades exportadas pelo país.

Dentro da exportação total de feijão à América Latina, o Chile ocupa uma posição individual mais significativa, tendo chegado a representar em 1981 cerca de 32 por cento do volume total exportado pela Região e uma contribuição de 41 por cento do valor total exportado no item, segundo pode apreciar-se no quadro no. 16.

## QUADRO No. 16

| Anos | Exportações totais América Latina |             | Exportações no Chile |            | % Chile |       |
|------|-----------------------------------|-------------|----------------------|------------|---------|-------|
|      | Volume T                          | Valor US\$  | Volume T             | Valor US\$ | Volume  | Valor |
| 1979 | 241.273                           | 103.041.000 | 48.640               | 20.179.659 | 20,2    | 19,6  |
| 1980 | 181.404                           | 81.855.000  | 49.655               | 31.495.754 | 27,4    | 38,5  |
| 1981 | 189.500                           | 96.990.000  | 55.974               | 39.342.840 | 31,6    | 40,6  |

Fonte: Quadro elaborado com dados da FEO e ODEPA.

mas

//

//

#### 5.1.4.1 Valor das exportações

No total de exportações agrícolas não industrializadas do Chile, o feijão representa, em média, um valor equivalente a 10 por cento do total mencionado, o que por si só evidencia a importância deste item no amplo espectro de itens agrícolas exportados pelo país.

As tendências crescentes que mostram os diferentes indicadores do item expostas em seções anteriores também são visíveis ao analisar os valores registrados pelas suas exportações no período.

Com efeito, enquanto em 1977 o feijão alcança um valor de US\$ 12,5 milhões, esse valor aumenta significativamente até 1981, em que se eleva à quantia de US\$ 39,3 milhões, isto é, seu valor total se incrementa em 213 por cento no quinquênio em estudo.

É importante salientar que no mesmo período o volume físico de exportação aumenta somente 81 por cento, o que estaria revelando uma melhora relativa nos preços de exportação, tal como se comprovará em comentários posteriores.

As principais variedades que integram o espectro exportável de feijão no país e seus valores correspondentes constam no quadro no. 17.

#### 5.1.4.2 Destino das exportações

As exportações do item são canalizadas através de um mercado altamente diversificado, dentro do qual é possível ver notória relação variedade-mercado.

Assim, embora a variedade Black-Mexican -a de maior importância dentro do item- esteja canalizada preferentemente para os mercados da Venezuela, Brasil, Costa Rica e Guatemala, a variedade Arroz se orienta preferentemente para os países do mercado europeu e E.U.A.

Igual situação apresenta-se a respeito da variedade Cristal, em que aproximadamente 90 por cento das exportações flui para o mercado europeu e norteamericano. Outro tanto deve dizer-se da variedade Hallado, em que ambos os mercados absorvem uma proporção muito semelhante à anteriormente indicada.

O mercado da ALADI, e particularmente dentro deste, países como a Venezuela, Brasil e Colômbia, puderam conformar um marco geográfico de destino de muita importância para as exportações do item do Chile.

Esta situação evidencia-se ao comprovar que o mercado da ALADI, que em conjunto absorveu 44 por cento do valor total das exportações chilenas no ano de 1976, melhora substancialmente sua importância ao elevar-se essa absorção para 71 por cento no ano de 1981. Isso significou canalizar exportações do item a esse mercado, que representou valores de 5,5 e 28 milhões de dólares, respectivamente, dentro dos anos extremos do quinquênio.

//

QUADRO No. 17

VOLUME E VALOR EXPORTAÇÕES POR VARIEDADES

(Volume em toneladas e valor em US\$)

| Variedades      | 1977      |               | 1978      |               | 1979      |               | 1980      |               | 1981      |               |
|-----------------|-----------|---------------|-----------|---------------|-----------|---------------|-----------|---------------|-----------|---------------|
|                 | Volume    | Valor         |
| Cristal         | 2.545,81  | 1.154.847,35  | 3.301,54  | 1.675.909,19  | 4.196,47  | 2.179.862,90  | 988,00    | 592.486,52    | 698,64    | 557.036,81    |
| Red Kidney      | 1.073,87  | 440.494,30    | 705,22    | 415.845,85    | 748,60    | 359.943,46    | 624,86    | 459.819,77    | 148,95    | 117.584,28    |
| Arroz           | 7.351,57  | 2.329.852,84  | 5.454,22  | 2.400.506,27  | 5.578,45  | 2.201.990,04  | 2.535,07  | 1.449.619,75  | 1.429,00  | 387.046,37    |
| Black Mexican   | 11.874,18 | 4.226.678,75  | 12.465,55 | 4.464.856,31  | 28.018,25 | 11.747.372,72 | 40.748,21 | 26.047.527,23 | 51.725,69 | 33.244.299,21 |
| Hallados        | 4.420,25  | 1.582.654,84  | 8.246,21  | 2.574.138,56  | 7.870,65  | 2.668.201,40  | 3.518,90  | 2.141.460,85  | 4.331,17  | 3.057.996,30  |
| Cuyanos         | 1.786,12  | 534.738,30    | 3.840,57  | 1.075.065,27  | 119,25    | 43.941,45     | -         | -             | -         | -             |
| Coscarrones     | 389,56    | 155.840,19    | 820,84    | 306.769,16    | 124,74    | 42.481,83     | -         | -             | -         | -             |
| Outras          | 2.025,19  | 828.564,38    | 7.741,72  | 2.534.301,70  | 1.585,47  | 747.051,23    | 668,50    | 471.205,17    | 1.229,55  | 1.074.521,40  |
| Sem especificar | 1.616,77  | 1.311.998,42  | 12.763,79 | 3.888.495,62  | 398,12    | 188.814,30    | 613,43    | 333.634,87    | 441,53    | 304.355,99    |
| Total           | 33.083,32 | 12.565.669,37 | 55.339,66 | 19.335.887,93 | 48.640,00 | 20.179.659,33 | 49.654,97 | 31.495.754,16 | 59.974,53 | 39.342.840,36 |

Fonte: ODEPA.

//

É interessante salientar que enquanto no quinquênio 1976-1981 as exportações totais de feijão mostram incremento de valor equivalente a aproximadamente mais de três vezes, o valor canalizado para o mercado da ALADI aumentou cinco vezes.

O quadro no. 18 mostra a estrutura das exportações por mercado de destino.

A variada rede de mercados que foi sendo incorporada às exportações do item, tanto no âmbito latino-americano quanto no europeu, e inclusive no próprio da América do Norte, pode atribuir-se a dois fatores principais: por um lado, uma crescente difusão e promoção do item no exterior apoiadas pelas garantias de qualidade e maior responsabilidade exportadora e, por outro, a localização hemisférica do Chile, que lhe permite dispor de oferta exportável em temporadas em que seu maior competidor mundial, os Estados Unidos, já esgotaram suas disponibilidades de exportações.

Este último fator é especialmente eloquente no tocante à variedade Black Mexican em que, sendo os mercados da Venezuela, Brasil, Costa Rica e Guatemala tradicionais compradores do produto proveniente dos EUA, constituem ao mesmo tempo os principais mercados para o similar proveniente do Chile.

#### 5.1.4.3 Preços de exportação

Os preços nominais de exportação, expressados em dólares FOB, foram aumentando permanentemente dentro do quinquênio 1977-1981.

As cinco principais variedades individuais de exportação, como o Cristal, Red Kidney, Arroz, Black Mexican e Halados, mostram incrementos entre os anos extremos do período, aumentos que variam de um mínimo de 75 por cento para o Cristal e um máximo de 118 por cento exibido pela variedade Arroz.

As três variedades restantes das indicadas anteriormente mostram incrementos em seus preços médios anuais que atingem entre 81 e 97 por cento, como pode observar-se no quadro no. 19.

//

QUADRO No. 18

VALOR DE EXPORTAÇÕES DE FEIJÃO POR MERCADO DESTINO  
(US\$/FOB)

| Países de destino | 1977       | 1978       | 1979       | 1980       | 1981       |
|-------------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Venezuela         | 2.449.339  | 5.404.431  | 11.052.205 | 20.820.023 | 27.919.131 |
| Uruguai           | 5.800      | 1.980      | -          | -          | -          |
| Colômbia          | 292.823    | 43.650     | 565.412    | 501.024    | 53.350     |
| Brasil            | 2.735.410  | 69.868     | 41.225     | 2.063.257  | -          |
| Argentina         | -          | -          | 115.500    | 271        | 21.600     |
| Peru              | 2.482      | 5.836      | -          | -          | -          |
| Bolívia           | -          | 911        | -          | -          | -          |
| Equador           | -          | -          | 11.570     | -          | -          |
| Subtotal Região   | 5.503.854  | 5.526.676  | 11.785.912 | 23.384.575 | 27.994.081 |
| Panamá            | 216.714    | 27.922     | 49.792     | 14.422     | 25.692     |
| Costa Rica        | 6.887      | -          | 277.535    | 4.274.460  | 3.146.255  |
| Guatemala         | -          | -          | -          | -          | 2.468.102  |
| Europa            | 6.018.427  | 12.888.963 | 7.298.085  | 3.076.667  | 3.520.512  |
| EUA               | 772.272    | 914.661    | 900.618    | 668.406    | 2.451.488  |
| Outros países     | 61.203     | 10.790     | -          | 196.475    | -          |
| Subtotal          | 7.075.503  | 13.842.336 | 8.526.030  | 8.230.430  | 11.612.049 |
| Total países      | 12.579.357 | 19.369.012 | 20.311.942 | 31.615.005 | 39.606.130 |
| % Região          | 43,75%     | 28,53%     | 58,03%     | 73,97%     | 70,68%     |

Fonte: ODEPA.

## QUADRO No. 19

PREÇOS MÉDIOS ANUAIS DE EXPORTAÇÃO  
PARA VARIEDADES E ANOS QUE SE INDICAM

(Dólares FOB por tonelada)

| Variedades    | 1977 | 1978 | 1979 | 1980 | 1981 | Variação<br>81-77 % |
|---------------|------|------|------|------|------|---------------------|
| Cristal       | 454  | 508  | 519  | 638  | 789  | 75,5                |
| Kidney        | 410  | 590  | 481  | 736  | 789  | 92,4                |
| Arroz         | 317  | 440  | 395  | 572  | 691  | 118,0               |
| Black Mexican | 354  | 358  | 419  | 640  | 643  | 81,6                |
| Hallados      | 358  | 312  | 339  | 609  | 706  | 97,2                |

Fonte: Cifras elaboradas com valores de embarques de ODEPA, Ministério da Agricultura e de informação direta de exportadores do ramo.

5.1.5 Consumo interno de feijão

O nível de consumo está fortemente ligado ao comportamento das exportações do item, uma vez que por não existir no país restrições de espécie alguma de tipo quantitativa à exportação tais como contingentes ou quotas, estas no fundo condicionam em grande medida os volumes que ficam disponíveis para o consumo interno da população.

Do total da produção de feijão, embora as exportações representem parte significativa delas, a parte destinada a sementes constitui o segundo elemento condicionante das disponibilidades para consumo humano, atingindo volumes que oscilaram entre 10 e 17 por cento da produção total do país, dentro do quinquênio 1977-1981.

Por não existirem importações de feijão no Chile, o consumo deste item no mercado interno fica determinado pelo saldo resultante entre a produção nacional, menos as parcelas destinadas a exportação, sementes e resíduos.

No quadro no. 20 registram-se as principais variáveis que fazem parte do consumo de feijão no Chile a partir de sua produção total.

## QUADRO No. 20

DESTINO  
(Toneladas)

| Anos      | Produção total<br>(Toneladas)<br>(A) | Exportação<br>(B) | Sementes<br>(C) | Despacho<br>(D) | Consumo aparente total |
|-----------|--------------------------------------|-------------------|-----------------|-----------------|------------------------|
| 1976-1977 | 112.380                              | 33.106            | 12.761          | 2.007           | 64.506                 |
| 1977-1978 | 112.060                              | 55.363            | 12.761          | 2.007           | 41.929                 |
| 1978-1979 | 116.290                              | 48.795            | 13.284          | 2.326           | 51.885                 |
| 1979-1980 | 84.240                               | 49.820            | 14.129          | 1.985           | 18.307                 |
| 1980-1981 | 138.240                              | 60.184            | 14.129          | 2.765           | 61.162                 |

Fonte: (A) e (B) - Instituto Nacional de Estatística e Ministério da Agricultura.

(C) e (D) - Estimativas da FAO.

A queda que mostra o volume de consumo no ano de 1979-1980 deve-se em grande medida a que, não obstante a produção total tenha diminuído aproximadamente 28 por cento com relação ao ano precedente, as exportações mantiveram seu nível e inclusive se incrementaram em aproximadamente 1.000 toneladas entre os dois anos, determinando em consequência menor disponibilidade para consumo interno equivalente a 33.500 toneladas de produto.

As expectativas de rentabilidade esperada entre os preços de exportação e os de mercado interno constituem as variáveis estratégicas que levam a mobilizar maiores ou menores proporções do produto para um ou outro destino, alterando desta maneira o comportamento e o nível atingido pelos montantes para consumo humano no país.

A irregularidade do consumo global através do período manifesta-se obviamente no consumo per capita do produto, o qual, abstraindo-se do ano de 1979-1980, excepcionalmente baixo, no restante dos anos seu nível atinge perto dos 4 quilogramas a 6 quilogramas per capita, como nos valores do quadro no. 21.

QUADRO No. 21CONSUMO PER CÁPITA DE FEIJÃO

| Anos      | Quilogramas |
|-----------|-------------|
| 1976-1977 | 6.063       |
| 1977-1978 | 3.867       |
| 1978-1979 | 4.697       |
| 1979-1980 | 1.626       |
| 1980-1981 | 5.329       |

5.1.6 Valor bruto da produção

O valor bruto da produção de feijão no Chile, medido em dólares de cada ano, mostra espetacular aumento entre os anos extremos do quinquênio 1977-1981, equivalente a 284 por cento, ao subir de US\$ 45,7 milhões em 1977 para 175,6 milhões em 1981.

Cabe assinalar que no referido último ano de 1981 o valor bruto da produção do item representa 25 por cento do valor bruto da produção total dos nove produtos em estudo, constituindo juntamente com os tomates e batatas os três itens de maior valor na produção total desses nove produtos.

Os níveis de valor atingidos pela produção de feijão no país, através dos anos de 1977-1981, registram-se no quadro no. 22.

QUADRO No. 22VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DE FEIJÃO

| Anos | Dólares correntes |
|------|-------------------|
| 1977 | 45.703.693        |
| 1978 | 26.123.744        |
| 1979 | 39.044.362        |
| 1980 | 89.334.410        |
| 1981 | 175.570.619       |

Fonte: Ministério da Agricultura

O elevado valor atingido pelo item em 1981 é consequência não somente do elevado nível registrado pela produção física desse ano, a maior do quinquênio -138.000 toneladas- mas também é decorrência dos elevados preços por atacado computados para o produto no mercado in

//

terno, os quais sobem fortemente, salvo apenas uma diminuição experimentada no ano de 1978, segundo revela-se nas cifras do quadro no. 23.

QUADRO No. 23

PREÇOS MÉDIOS EM NÍVEL ATACADISTA

| Anos | Dólares por tonelada |
|------|----------------------|
| 1977 | 406,7                |
| 1978 | 233,1                |
| 1979 | 335,8                |
| 1980 | 1.060,5              |
| 1981 | 1.270,0              |

Fonte: Elaborado com cifras do Ministério da Agricultura, ODEPA, Estatísticas Agropecuárias.

5.2 Lentilha

5.2.1 Superfície e produção

A lentilha cultivava-se no Chile da IV até a IX Região e em solos preferentemente de terra seca da costa.

No quinquênio estudado, o item comprometeu superfícies que oscilaram entre áreas mínimas de 30 a 900 hectares para um máximo de 53.000 hectares, cifras correspondentes aos anos agrícolas de 1976-1977 e 1979-1980, respectivamente, segundo se observa nas cifras do quadro no. 24.

QUADRO No. 24

SUPERFÍCIE CULTIVADA DE LENTILHAS

| Anos      | Hectares |
|-----------|----------|
| 1976-1977 | 30.930   |
| 1977-1978 | 31.840   |
| 1978-1979 | 50.360   |
| 1979-1980 | 52.950   |
| 1980-1981 | 47.660   |

//

//

Embora a superfície, após crescer marcadamente no período, mostre uma diminuição no último ano agrícola, de qualquer forma esse ano representa, em comparação à superfície registrada em 1976-1977, 54 por cento de aumento.

A respeito da produção física, o Chile pode colocar-se no primeiro lugar como país produtor dentro da América Latina, tendo conseguido representar como média aproximadamente 46 por cento da produção total de lentilhas do continente no triênio 1979-1981, seguido da Argentina com uma percentagem média de 25 por cento, dentro do mesmo período.

As cifras de produção de lentilha no Chile no quinquênio em estudo mostram seu menor montante no ano agrícola de 1980-1981, no qual o volume atinge perto de 18.000 toneladas, como se pode observar no quadro no. 25.

QUADRO No. 25

PRODUÇÃO DE LENTILHAS NO CHILE

| Anos      | Toneladas métricas |
|-----------|--------------------|
| 1976-1977 | 23.770             |
| 1977-1978 | 18.960             |
| 1978-1979 | 31.690             |
| 1979-1980 | 26.840             |
| 1980-1981 | 17.690             |

A queda que mostra a produção no ano 1980-1981 com relação ao ano imediatamente anterior em um equivalente a 34 por cento está relacionada com a diminuição da superfície cultivada no item no mesmo período e que atingiu apenas 10 por cento.

Este fato explica-se por uma brusca queda dos rendimentos médios por hectares no último ano, os mais baixos de todo o período, como poderá apreciar-se no quadro no. 26.

5.2.2 Principais zonas de produção

Não obstante, a lentilha é cultivada em sete Regiões do país; sua maior produção se concentra nas Regiões VI, VIII e IX, fornecendo estas últimas em conjunto um crescente volume total, chegando a representar no ano agrícola 1980-1981 99 por cento da produção nacional de lentilhas, situação que pode apreciar-se no quadro no. 26.

//

//

## QUADRO No. 26

MÉDIA DE PRODUÇÃO DE LENTILHAS POR REGIÃO

| Região                                     | 1976-1977 | 1977-1978 | 1978-1979 | 1979-1980 | 1980-1981 |
|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| III  | -         | -         | -         | -         | -         |
| IV   | 411       | 96        | 281       | 119       | 10        |
| V  | 225       | 114       | 142       | 46        | 13        |
| R.M.                                       | 121       | 198       | -         | -         | 7         |
| VI   | 99        | 57        | 45        | 128       | 120       |
| VII  | 1.126     | 2.358     | 2.663     | 3.508     | 2.089     |
| VIII                                       | 14.267    | 11.125    | 22.288    | 16.868    | 11.024    |
| IX   | 5.516     | 4.985     | 6.269     | 6.173     | 4.430     |
| X  | -         | -         | -         | -         | -         |
| Total país                                 | 23.765    | 18.960    | 31.690    | 26.842    | 17.693    |
| % VII-VIII e<br>IX Região em<br>Total país | 96,4      | 97,4      | 98,5      | 99,0      | 99,2      |

Por razões de clima, e pela existência de importante área de terrenos secos da costa, as três Regiões comentadas continuarão constituindo no futuro o centro fornecedor de maior importância de lentilhas do Chile.

5.2.3 Rendimentos

Com exceção de 1980-1981, que registra o rendimento mais baixo dos últimos anos atingindo 3,7 quintais por hectare, os anos precedentes mostram níveis de rendimento para o Chile muito semelhantes aos obtidos pela Argentina e pela média da América Latina, segundo se observa nas cifras do quadro no. 27.

## QUADRO No. 27

RENDIMENTOS COMPARADOS DE LENTILHAS

(Em quintais por hectare)

| Anos | América Latina | Argentina | Chile |
|------|----------------|-----------|-------|
| 1979 | 5,8            | 5,7       | 6,3   |
| 1980 | 5,4            | 6,0       | 5,1   |
| 1981 | 4,7            | 6,1       | 3,7   |

//

//

O baixo rendimento exibido pelo Chile no ano de 1981 ocorreu por fatores predominantemente climáticos, caracterizado esse ano por um forte regime de chuvas, que afetou seriamente a produção em seu conjunto, e, por conseguinte, seus rendimentos médios por hectare.

Este fato verifica-se não somente em nível do rendimento médio nacional, mas também é visível dentro das médias da totalidade das Regiões produtoras do item, como pode comprovar-se no quadro no. 28.

## QUADRO No. 28

RENDIMENTO MÉDIO DE LENTILHAS POR REGIÕES

(Quintais por hectare)

| Região     | 1976-1977 | 1977-1978 | 1978-1979 | 1979-1980 | 1980-1981 |
|------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| III        | -         | -         | -         | -         | -         |
| IV         | 3,0       | 3,7       | 6,1       | 6,2       | 0,6       |
| V          | 4,3       | 3,3       | 2,8       | 1,4       | 1,0       |
| R.M.       | 9,3       | 7,9       | -         | -         | 7,0       |
| VI         | 5,2       | 5,2       | 2,8       | 5,8       | 5,2       |
| VII        | 7,0       | 5,4       | 5,3       | 4,9       | 4,1       |
| VIII       | 8,3       | 5,6       | 6,3       | 4,9       | 3,6       |
| IX         | 7,7       | 7,6       | 7,2       | 5,7       | 3,7       |
| X          | -         | -         | -         | -         | -         |
| Média país | 7,7       | 6,0       | 6,3       | 5,1       | 3,7       |

5.2.4 Exportações

Dentro do conjunto de exportações de lentilha da América Latina no triênio 1979-1981 o Chile representou um valor equivalente a 74 por cento, com um montante médio anual de 14.307 toneladas, enquanto a Argentina atingiu 26 por cento com um volume médio de 5.070 toneladas no mesmo período (1).

Com exceção do ano de 1981, as exportações de lentilhas no Chile representaram uma proporção importante em sua produção total, podendo observar-se no quadro no. 29 que suas percentagens oscilaram entre 54 e 75 por cento dessa produção.

As cifras do quadro mostram uma queda proporcionalmente maior no volume exportado em 1980-1981, que significou quase 59 por cento com relação ao ano anterior, em comparação com a queda da produção de 34 por cento no mesmo biênio.

Essa situação explica-se pela forte influência competitiva dos EUA no ano de 1981, tanto em volume como em preços, o que reduziu para um mínimo a presença do item chileno em dois de seus mercados da maior importância, como são os da Colômbia e da Europa.

mas

//

//

QUADRO No. 29

PRODUÇÃO E EXPORTAÇÕES DE LENTILHAS

(Em volume físico)

| Anos      | Produção<br>(Toneladas) | Exportações<br>(Toneladas) | Exportações<br>(%) |
|-----------|-------------------------|----------------------------|--------------------|
| 1976-1977 | 23.765                  | 14.358                     | 60,41              |
| 1977-1978 | 18.963                  | 14.246                     | 75,14              |
| 1978-1979 | 31.688                  | 19.044                     | 60,09              |
| 1979-1980 | 26.842                  | 14.549                     | 54,21              |
| 1980-1981 | 17.693                  | 6.028                      | 34,08              |

Fonte: I.N.E. e ODEPA.

5.2.4.1 Valor das exportações

O valor das exportações de lentilhas atinge, dentro do quinquênio 1977-1981, seu máximo nível durante 1980, no qual as 14.550 toneladas exportadas nesse ano representaram um valor equivalente a US\$ 14.718.619, segundo pode apreciar-se nas cifras do quadro no. 30.

QUADRO No. 30

VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE LENTILHAS

(Dólares FOB)

| Ano  | Valor      |
|------|------------|
| 1977 | 9.363.852  |
| 1978 | 9.307.113  |
| 1979 | 12.528.821 |
| 1980 | 14.718.619 |
| 1981 | 5.411.719  |

Fonte: Ministério da Agricultura. Boletins de Embarques de Exportações.

À queda do volume exportado no ano de 1981, com relação ao ano precedente, e que atingiu 59 por cento, correspondeu uma diminuição do valor exportado, equivalente a 63,2 por cento, o que atribuído a uma queda nos preços médios de venda de 11 por cento.

Dentro dos três tipos de lentilhas exportadas pelo Chile e que correspondem aos tamanhos 5, 6 e 7 milímetros, a de 6 mm é a que fornece o maior valor; ela só constitui como média, 55 por cento dos três tamanhos do item antes mencionado.

5.2.4.2 Preços de exportação

Os preços nominais atingidos pelo item no quinquênio 1977-1981 oscilaram entre médias anuais de US\$ 652 toneladas FOB até um máximo de US\$ 1.012 toneladas FOB nos anos 1977 e 1980, respectivamente, segundo se aprecia no quadro no. 31.

QUADRO No. 31

PREÇOS MÉDIOS ANUAIS DE EXPORTAÇÃO DE LENTILHA

| Anos | Preço médio | Tendência<br>(1977-100) |
|------|-------------|-------------------------|
| 1977 | 652         | 100                     |
| 1978 | 653         | 101                     |
| 1979 | 658         | 109                     |
| 1980 | 1.012       | 155                     |
| 1981 | 900         | 138                     |

Fonte: Elaborado com dados de Embarques de Exportações - Ministério da Agricultura - ODEPA.

5.2.4.3 Destino das exportações

Em nível de blocos de mercado, os países-membros da ALADI constituem a maior absorção de destino do total das exportações de lentilha do Chile. Efetivamente, dentro do quinquênio 1977-1981, o mercado da ALADI representou dentro da colocação total do item chileno valores que vieram aumentando de 64 por cento em 1977 até atingir 96 por cento em 1981, não obstante, a brusca diminuição sofrida no mercado da Colômbia esse ano, devido à forte competência do item proveniente dos EUA. O quadro no. 32 indica a distribuição do valor das exportações por destino.

QUADRO No. 32

EXPORTAÇÕES DE LENTILHA

| Ano  | Valor total<br>exportações<br>(Dólares) | Destino ALADI<br>(Porcentagem) | Destino resto<br>do mundo<br>(Porcentagem) |
|------|---|--------------------------------|--|
| 1977 | 9.363.851                               | 64,02                          | 35,98                                      |
| 1978 | 9.307.133                               | 71,26                          | 28,74                                      |
| 1979 | 12.528.821                              | 66,13                          | 33,87                                      |
| 1980 | 14.713.619                              | 94,47                          | 5,53                                       |
| 1981 | 5.424.937                               | 96,58                          | 3,42                                       |

//

Dentro dos países-membros da ALADI, a Colômbia, Brasil e Equador representam, na mesma ordem, os principais mercados para os quais fluem as exportações de lentilhas do Chile, absorvendo em conjunto uma média anual equivalente a 67 por cento no período 1977-1981.

Os países da Europa Ocidental, que integravam no passado recente o segundo mercado de importância para a lentilha chilena, foram perdendo gradualmente sua participação, como demonstra o fato de que em 1977, quando esse mercado representava 31 por cento das exportações totais do item do Chile, diminuiu paulatinamente para atingir em 1981 uma participação apenas levemente superior a 3 por cento.

A maior aproximação geográfica dos mercados da ALADI, unida ao caráter de centro produtor localizado no hemisfério sul do continente, faz prever que o Chile seguirá encontrando nos países da região seus melhores mercados para os quais deverá orientar preferentemente esforços de exportação.

A estrutura das exportações do item segundo mercados de destino e a evolução destes no período 1977-1981 resume-se nas cifras do quadro no. 33.

QUADRO No. 33

EXPORTAÇÕES DE LENTILHA POR MERCADO - DESTINO  
(US\$ FOB)

| Países de destino | 1976      | 1977      | 1979       | 1980       | 1981      |
|-------------------|-----------|-----------|------------|------------|-----------|
| Venezuela         | 1.395.029 | 984.743   | 789.366    | 1.453.811  | -         |
| Uruguai           | 59.787    | 35.814    | 141.464    | 336.049    | 541.946   |
| Colômbia          | 3.529.738 | 3.812.109 | 4.189.756  | 7.571.557  | 530.031   |
| Brasil            | 1.511.879 | 1.493.004 | 2.287.787  | 2.555.755  | 2.435.632 |
| Argentina         | -         | -         | 46.447     | 116.783    | 403.781   |
| Peru              | -         | -         | -          | 115.511    | 58.718    |
| Bolívia           | -         | -         | -          | 10.664     | 111.679   |
| Equador           | 498.736   | 306.656   | 830.710    | 1.700.289  | 1.145.078 |
| Paraguai          | -         | -         | -          | -          | 12.265    |
| Subtotal Região   | 5.995.169 | 6.632.326 | 8.285.530  | 13.900.419 | 5.239.130 |
| Panamá            | 303.287   | 359.574   | 708.114    | -          | -         |
| Costa Rica        | 16.816    | 21.739    | 3.752      | 45.000     | -         |
| Europa            | 2.934.325 | 2.096.990 | 3.531.425  | 765.950    | 185.807   |
| EUA               | -         | 23.500    | -          | -          | -         |
| Outros países     | 114.254   | 164.004   | -          | 2.250      | -         |
| Subtotal          | 3.363.682 | 2.674.807 | 4.243.291  | 813.200    | 185.807   |
| Total países      | 9.363.851 | 9.307.133 | 12.528.821 | 14.713.619 | 5.525.937 |
| % Região          | 64,02     | 71,26     | 66,13      | 94,47      | 96,58     |

//

### 5.2.5 Consumo interno de lentilha

Com exceção do ano agrícola 1977-1978, no qual as exportações de lentilhas atingiram o maior nível do quinquênio em relação à produção total, representando 75 por cento e provocando, portanto, nesse ano o volume mais reduzido de todo o período para o consumo interno, para o resto dos anos a disponibilidade média do item para a população flutuou por volta de 7.300 toneladas anuais tal como mostra o quadro no. 34.

Durante o ano agrícola 1980-1981, não obstante a queda da produção nacional em 34 por cento com relação ao ano imediatamente anterior, o consumo interno aumenta, no mesmo período, em relação à produção, de quase 30 por cento para 42 por cento, o que se explica pelo fato de que em ambos os anos indicados as exportações diminuem bruscamente para 59 por cento aproximadamente, liberando desta maneira maior quantidade de produtos para consumo interno do país.

A mesma consideração feita para o feijão é válida para as lentilhas no sentido da alta dependência que apresenta o consumo interno como resultado do comportamento das exportações.

QUADRO No. 34

#### DESTINO DA PRODUÇÃO DE LENTILHA

(Em toneladas)

| Anos      | Produção total (T) | Exportação (T) | Sementes (T) | Resíduos (T) | Consumo aparente (T) |
|-----------|--------------------|----------------|--------------|--------------|----------------------|
| 1976-1977 | 23.770             | 14.358,33      | 3.002        | 375          | 6.004,67             |
| 1977-1978 | 19.960             | 14.245,67      | 3.002        | 375          | 1.337,33             |
| 1978-1979 | 31.960             | 19.043,61      | 4.236        | 634          | 7.696,39             |
| 1979-1980 | 26.840             | 14.549,47      | 3.813        | 537          | 7.940,53             |
| 1980-1981 | 17.690             | 6.028,37       | 3.813        | 354          | 7.494,63             |

Do consumo aparente global resultam valores de consumo per capita da população, cujo maior nível surge no ano 1979-1980, atingindo 700 gr per capita, como pode apreciar-se no quadro no. 35.

QUADRO No. 35

#### CONSUMO DE LENTILHA PER CAPITA

| Anos      | Quilogramas por pessoa |
|-----------|------------------------|
| 1976-1977 | 0,565                  |
| 1977-1978 | 0,123                  |
| 1978-1979 | 0,696                  |
| 1979-1980 | 0,705                  |
| 1980-1981 | 0,653                  |

//

### 5.2.6 Valor bruto da produção

A produção de lentilha no país mostra valores brutos que oscilaram entre um mínimo de US\$ 10 milhões em 1977 até um máximo de US\$ 25,2 milhões em 1980. No ano de 1981 seu valor bruto total diminuiu para US\$ 15,7 milhões, como consequência da brusca diminuição da produção física registrada nesse ano e que se aproximou de 35 por cento.

Os valores atingidos pela produção de lentilhas no país no quinquênio 1977-1981 mostram-se no quadro no. 36.

QUADRO No. 36

#### VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DE LENTILHA

| Anos | Dólares correntes |
|------|-------------------|
| 1977 | 9.995.864         |
| 1978 | 11.815.499        |
| 1979 | 22.287.935        |
| 1980 | 25.250.751        |
| 1981 | 15.685.515        |

Os preços médios no mercado interno, em nível atacadista, duplicaram-se no quinquênio em estudo, ao variar de US\$ 421 a tonelada em 1977 para US\$ 886 em 1981, como pode apreciar-se no quadro no. 37.

QUADRO No. 37

#### PREÇO POR ATACADO POR TONELADAS DE LENTILHA

| Anos | Dólares por toneladas |
|------|-----------------------|
| 1977 | 420,6                 |
| 1978 | 623,1                 |
| 1979 | 703,4                 |
| 1980 | 940,7                 |
| 1981 | 886,5                 |

### 5.3 Grão-de-bico

#### 5.3.1 Superfície e produção

O grão-de-bico é cultivado no Chile entre a V e IX Regiões, tanto em terrenos da costa quanto do interior, sob condições de aridez, regadio e veigas.

mas

//

//

Por ser um cultivo típico de clima temperado cálido, o grão-de-bico encontra suas melhores condições ambientais na zona central do país, em especial entre as Regiões VI e VIII e em cuja área "árido-costeira" este cultivo constitui excelente alternativa agrícola e comercial para um importante setor de pequenos produtores.

A superfície coberta pelo item no quinquênio 1977-1981 flutuou entre um mínimo de 8.270 hectares no ano agrícola 1976-1977 para um máximo de 20.570 hectares na temporada 1979-1980 segundo se aprecia no quadro no. 38.

QUADRO No. 38

SUPERFÍCIE CULTIVADA DE GRÃO-DE-BICO

| Anos      | Superfície cultivada<br>(Hectares) |
|-----------|------------------------------------|
| 1976-1977 | 8.270                              |
| 1977-1978 | 11.010                             |
| 1978-1979 | 16.810                             |
| 1979-1980 | 20.570                             |
| 1980-1981 | 16.230                             |

Fonte: I.N.E. e ODEPA.

A produção do item oscilou entre um mínimo aproximado de 5.000 toneladas na temporada 1976-1977 e um máximo de 11.600 toneladas registradas no ano agrícola 1979-1980, como se observa no quadro no. 39.

QUADRO No. 39

PRODUÇÃO DE GRÃO-DE-BICO

| Anos      | Produção<br>(Toneladas) |
|-----------|-------------------------|
| 1976-1977 | 4.990                   |
| 1977-1978 | 5.470                   |
| 1978-1979 | 9.380                   |
| 1979-1980 | 11.600                  |
| 1980-1981 | 6.430                   |

A forte queda experimentada pela produção no último ano da série exposta no quadro mencionado, e que atinge 45 por cento com relação ao ano precedente, resulta proporcionalmente muito superior à queda que sofreu a superfície cultivada, que foi de apenas 21 por cento, situação que em grande parte se explica pelo rendimento registrado pelo item no mencionado último ano e que, como expressado mais adiante, foi o mais baixo de todo o quinquênio.

//

//

No âmbito latino-americano a produção de grãos-de-bico no Chile representa somente algo mais de 3 por cento do total dessa produção, que atingiu no triênio 1979-1981 uma média anual de 286.000 toneladas. (1)

### 5.3.2 Principais zonas de produção

A maior parte da produção de grãos-de-bico no Chile se obtém da zona que compreende as VI, VII e VIII Regiões, que fornecem uma média de volumes equivalentes a aproximadamente 90 por cento da produção total do país. Essa situação ilustra-se no quadro no. 40.

QUADRO No. 40

PRODUÇÃO DE GRÃO-DE-BICO POR REGIÃO  
(Toneladas)

| Região            | 1976-1977    | 1977-1978    | 1978-1979    | 1979-1980     | 1980-1981    |
|-------------------|--------------|--------------|--------------|---------------|--------------|
| III               | -            | -            | -            | -             | -            |
| IV                | -            | -            | -            | -             | -            |
| V                 | 106          | -            | -            | 46            | 16           |
| R.M.              | 13           | 558          | 129          | 634           | 268          |
| VI                | 1.201        | 536          | 965          | 2.895         | 1.707        |
| VII               | 1.239        | 1.921        | 5.519        | 4.985         | 3.283        |
| VIII              | 1.885        | 1.736        | 1.939        | 2.058         | 850          |
| IV                | 548          | 715          | 825          | 977           | 304          |
| X                 | -            | -            | -            | -             | -            |
| <b>Total país</b> | <b>4.990</b> | <b>5.470</b> | <b>9.380</b> | <b>11.600</b> | <b>6.430</b> |

### 5.3.3 Rendimentos

O rendimento médio atingido pelo grão-de-bico no país flutuou entre 4 e 6 quintais por hectare no quinquênio 1977-1981.

Se se excetua o último ano agrícola 1980-1981, no qual razões de tipo climático afetaram seriamente a produção e rendimento do item, no resto do quinquênio os rendimentos se movem dentro de níveis relativamente semelhantes, como se observa no quadro no. 41.

Em nível de Regiões, embora os maiores rendimentos sejam registrados em zonas diferentes daquelas de maior fornecimento do item, essas zonas, mesmo possuindo condições excepcionais de solo, regadio e manejo, somente podem dedicar ao cultivo do item pequenas superfícies de terreno, limitadas por outras alternativas de melhores expectativas agrícolas e comerciais.

(1) Comentários sobre cifras de FAO.

//

QUADRO No. 41

RENDIMENTO DE GRÃO-DE-BICO

| Anos      | Rendimento médio<br>(Quintais por hectare) |
|-----------|--|
| 1976-1977 | 6,0  |
| 1977-1978 | 5,0  |
| 1978-1979 | 5,6  |
| 1979-1980 | 5,6  |
| 1980-1981 | 4,0  |

A evolução dos rendimentos por Região produtora apresenta-se no quadro no. 42.

QUADRO No. 42

EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO MÉDIO POR HECTARE E POR REGIÃO  
(Quintais por hectare)

| Região     | 1976-1977 | 1977-1978 | 1978-1979 | 1979-1980 | 1980-1981 |
|------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| III        | -         | -         | -         | -         | -         |
| IV         | -         | -         | -         | -         | -         |
| V          | 3,3       | -         | -         | 4,1       | 3,2       |
| R.M.       | 4,3       | 9,3       | 9,2       | 7,7       | 3,4       |
| VI         | 7,8       | 4,0       | 3,5       | 7,5       | 3,8       |
| VII        | 3,6       | 3,9       | 6,0       | 4,6       | 4,2       |
| VIII       | 8,5       | 5,2       | 5,6       | 5,6       | 3,6       |
| IX         | 7,5       | 8,9       | 6,5       | 6,3       | 4,5       |
| X          | -         | -         | -         | -         | -         |
| Média país | 6,0       | 5,0       | 5,6       | 5,6       | 4,0       |

5.3.4 Exportações

5.3.4.1 Relação produção-exportações

Parte importante da produção de grãos-de-bico no Chile é destinada à exportação. Com efeito, e exceto na temporada agrícola 1979-1980, em que o volume exportado diminuiu em 54 por cento com relação ao ano anterior, determinando a relação mais baixa do quinquênio, nos demais anos esta proporção esteve entre um mínimo de 31 por cento e um máximo de 60 por cento da produção total, segundo se aprecia no quadro no. 43.

mas

//

## QUADRO No. 43

RELAÇÃO PRODUÇÃO-EXPORTAÇÃO DE GRÃO-DE-BICO

| Anos      | Produção<br>(T) | Exportação<br>(T) | Exp./Prod.<br>(%) |
|-----------|-----------------|-------------------|-------------------|
| 1976-1977 | 4.990           | 1.548,93          | 31,04             |
| 1977-1978 | 5.470           | 2.803,60          | 51,25             |
| 1978-1979 | 9.380           | 4.974,19          | 53,03             |
| 1979-1980 | 11.600          | 2.284,39          | 19,69             |
| 1980-1981 | 6.430           | 3.840,85          | 59,73             |

5.3.4.2 Valores das exportações

Como país exportador do item dentro da América Latina, o Chile representa um valor equivalente a 3,6 por cento do total exportado pelo continente, sendo este total, em média para o triênio 1979-1981, aproximado de US\$ 72 milhões, o que fica conformado em sua maior parte pela contribuição do México ao valor total de exportações do item.

No quinquênio 1977-1981 o valor das exportações de grão-de-bico no Chile oscilou entre um mínimo de algo mais de US\$ 1 milhão, ocorrido em 1977, e um máximo aproximado de US\$ 4 milhões em 1979, segundo se aprecia no quadro no. 44.

## QUADRO No. 44

VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE GRÃO-DE-BICO

| Anos | Dólares FOB |
|------|-------------|
| 1977 | 1.077.395   |
| 1978 | 2.133.456   |
| 1979 | 3.989.147   |
| 1980 | 1.350.431   |
| 1981 | 2.233.443   |

5.3.4.3 Destino das exportações

O principal bloco de mercado para as exportações de grão-de-bico está constituído por países-membros da ALADI, destacando-se dentro destes, de forma majoritária, os mercados do Brasil, Colômbia e Venezuela, e por pontos, a Argentina.

//

Os Estados Unidos da América e o Mercado Comum Europeu constituem os mercados que seguem a ALADI em importância como destino das exportações do item.

Em seu conjunto, o mercado da ALADI representou valores de destino para o grão-de-bico chileno, que podem situar-se em torno de 80 por cento, com exceção do ano de 1978 em que, pela maior absorção do produto por parte dos mercados europeu e norte-americano e menor presença do Brasil, a participação da ALADI diminuiu para 53 por cento como área de destino das exportações. A situação comentada pode apreciar-se no quadro no. 45.

QUADRO No. 45

VALOR EXPORTAÇÕES DE GRÃO-DE-BICO POR MERCADO-DESTINO

(Dólares FOB de cada ano)

| País                 | 1977      | 1978      | 1979      | 1980      | 1981      |
|----------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Colômbia             | 259.654   | 410.724   | 757.028   | 169.507   | 773.243   |
| Brasil               | 568.116   | 117.266   | 675.573   | 741.913   | 443.350   |
| Uruguai              | 47.731    | 129.242   | 188.742   | 98.915    | 63.649    |
| Argentina            | -         | 210.926   | 846.614   | 22.621    | -         |
| Venezuela            | -         | 260.674   | 441.909   | 136.583   | 339.092   |
| Peru                 | -         | -         | -         | 16.750    | 275.595   |
| Bolívia              | -         | -         | -         | 6.588     | -         |
| Total Região         | 875.551   | 1.128.832 | 2.911.867 | 1.192.877 | 1.894.927 |
| Costa Rica           | 14.162    | -         | 130.360   | 47.190    | -         |
| EUA                  | 97.980    | 298.830   | 397.505   | 31.587    | 230.971   |
| Europa               | 74.102    | 705.794   | 549.416   | 78.777    | 107.545   |
| Outros               | 15.610    | -         | -         | -         | -         |
| Total resto do mundo | 201.843   | 1.004.624 | 1.077.281 | 157.554   | 338.516   |
| Total países         | 1.077.395 | 2.133.456 | 3.989.148 | 1.350.431 | 2.233.443 |
| % Região             | 81,27     | 52,91     | 73,00     | 88,33     | 84,84     |

Fonte: Elaborado com dados registrados em "Boletins de Embarque" da ODEPA.

5.3.4.4 Preço de exportação

Os preços de exportação de grãos-de-bico oscilaram no quinquênio 1977-1981 entre US\$ 700 por tonelada FOB e US\$ 813, correspondendo estes aos anos de 1977 e 1979, respectivamente, como se aprecia no quadro no. 46.

//

QUADRO No. 46EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DE EXPORTAÇÃO DE GRÃO-DE-BICO

| Anos | Preços médios de exportação<br>(Dólares por toneladas) |
|------|--|
| 1977 | 697  |
| 1978 | 761  |
| 1979 | 813  |
| 1980 | 730  |
| 1981 | 720  |

Fonte: Valores calculados com dados da ODEPA e por entre vistas a exportadores do ramo.

5.3.5 Consumo interno

O nível de consumo interno de grão-de-bico, tendo em vista que não existem importações do setor no país, está fortemente condicionado pela proporção da produção total destinada às exportações.

O maior volume disponível para consumo interno registrado no quinquênio, e que atingiu 8.000 toneladas, corresponde precisamente ao ano 1979-1980, no qual as exportações representam a menor proporção da produção de todo o quinquênio e que, como se indicou na parte correspondente do estudo, essa relação não superou nesse ano 20 por cento.

Os níveis de consumo interno e a incidência das exportações das sementes e resíduos do setor na produção total estão resumidos no quadro no. 47.

QUADRO No. 47DESTINO DA PRODUÇÃO DE GRÃO-DE-BICO

(Cifras em toneladas)

| Anos      | Produção | DESTINO     |          |          |                  |
|-----------|----------|-------------|----------|----------|------------------|
|           |          | Exportações | Sementes | Resíduos | Consumo aparente |
| 1976-1977 | 4.990    | 1.550       | 842      | 88       | 2.504            |
| 1977-1978 | 5.470    | 2.804       | 842      | 88       | 1.736            |
| 1978-1979 | 9.380    | 4.974       | 1.440    | 188      | 2.778            |
| 1979-1980 | 11.600   | 2.284       | 1.136    | 232      | 7.949            |
| 1980-1981 | 6.430    | 3.940       | 1.136    | 129      | 1.325            |

Fonte: Elaborado com dados da ODEPA, I.N.E. e FAO.

No que diz respeito ao consumo per capita, e como resultado da alta proporção que da produção se destina à exportação, o nível derivado para consumo médio per capita resulta bastante baixo, o mais baixo dentro de todas as leguminosas chilenas de grão seco.

Salvo no ano agrícola 1979-1980, em que o consumo per capita atinge seu maior nível, ao alcançar 705 gr por pessoa, o resto dos anos do quinquênio mostra graus de consumo que oscilam entre um mínimo de 115 gr e um máximo de 251 gr, como se aprecia no quadro no. 48.

QUADRO No. 48

CONSUMO PER CAPITA DE GRÃO-DE-BICO

| Anos      | Quilogramas per capita |
|-----------|------------------------|
| 1976-1977 | 0,235                  |
| 1977-1978 | 0,160                  |
| 1978-1979 | 0,251                  |
| 1979-1980 | 0,705                  |
| 1980-1981 | 0,115                  |

Fonte: Elaborado com base em cifras de consumo interno total e dados de população da ODEPLAN.

5.3.6 Valor bruto da produção

O valor bruto da produção de grãos-de-bico mostra níveis que oscilaram de algo mais de US\$ 2 milhões para quase US\$ 7 milhões no período em estudo, variações ligadas estreitamente ao comportamento da produção e aos níveis de preços internos atingidos pelo produto.

Os valores brutos registrados pela produção do setor no quinquênio 1977-1981 consignam-se nas cifras do quadro no. 49.

QUADRO No. 49

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DE GRÃO-DE-BICO

| Anos | Dólares correntes |
|------|-------------------|
| 1977 | 2.224.847         |
| 1978 | 3.003.107         |
| 1979 | 6.847.098         |
| 1980 | 6.481.308         |
| 1981 | 2.842.659         |

Fonte: Elaborado com dados de produção do I.N.E. e ponderado por preços em nível atacadista.

//

#### 5.4 Ervilha

##### 5.4.1 Produção e superfície

A ervilha é um cultivo que, por não ser tão exigente em qualidade de solos como outras leguminosas, desenvolve-se em 9 das 12 Regiões do país, cobrindo superfícies totais que variaram de aproximadamente 16.000 até algo mais de 18.000 hectares no período 1977-1981.

O item evidencia flutuações anuais comparativamente moderadas em relação a outras leguminosas descritas no estudo.

Com base em cifras da FAO (1), durante o triênio 1979-1981, a área total da América Latina dedicada ao cultivo foi, em média, de 159.000 hectares das quais o Chile comprometeu aproximadamente 11 por cento desse total.

Durante o quinquênio 1977-1981 a ervilha chilena apresenta as cifras de superfície cultivada registradas no quadro no. 50.

QUADRO No. 50

SUPERFÍCIE ANUAL DE CULTIVO DE ERVILHA

| Anos      | No. de hectares |
|-----------|-----------------|
| 1976-1977 | 15.660          |
| 1977-1978 | 17.150          |
| 1978-1979 | 16.160          |
| 1979-1980 | 18.200          |
| 1980-1981 | 17.530          |

Fonte: I.N.E. e ODEPA

A produção física, por seu lado, flutuou entre níveis mínimos de 11.000 toneladas até um máximo próximo das 16.000 toneladas, no quinquênio, como se aprecia no quadro no. 51.

QUADRO No. 51

PRODUÇÃO DE ERVILHA NO CHILE

| Anos      | Toneladas |
|-----------|-----------|
| 1976-1977 | 13.710    |
| 1977-1978 | 15.650    |
| 1978-1979 | 14.580    |
| 1979-1980 | 13.590    |
| 1980-1981 | 10.960    |

Fonte: I.N.E. e ODEPA

(1) Mesa Redonda sobre Leguminosas Alimentícias - Setembro 1982. FAO.

//

Corresponde assinalar que, embora no ano 1980-1981 a superfície cultivada tenha diminuído somente 4%, a produção se contraiu em 20 por cento com relação ao ano precedente, o que se explica por uma queda nos rendimentos médios, que no ano 1980-1981 atingem o menor nível de todo o quinquênio.

#### 5.4.2 Principais zonas de produção

Embora a ervilha seja cultivada no Chile em uma maior extensão geográfica que outros itens do subsetor, com exceção da batata, sua maior produção se concentra nas Regiões VII, VIII, IX e X, além da Região Metropolitana.

Com efeito, dentro das doze Regiões do país, as cinco regiões antes mencionadas representam, em 1976-1977, 97 por cento da produção total, mantendo sua importância durante todo o quinquênio praticamente sem variação, como pode apreciar-se no quadro no. 52.

#### QUADRO No. 52

#### PRODUÇÃO DE ERVILHA POR REGIÃO

(Toneladas)

| Região | 1976-1977 | 1977-1978 | 1978-1979 | 1979-1980 | 1980-1981 |
|--------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| III    | -         | -         | -         | -         | -         |
| IV     | -         | 23        | -         | 15        | 45        |
| V      | 71        | 135       | 261       | 135       | 155       |
| R.M.   | 620       | 2.284     | 1.892     | 2.718     | 416       |
| VI     | 297       | 222       | 445       | 340       | 237       |
| VII    | 867       | 652       | 619       | 550       | 737       |
| VIII   | 2.602     | 2.310     | 1.824     | 2.571     | 2.605     |
| IX     | 4.909     | 5.273     | 6.357     | 4.534     | 4.012     |
| X      | 4.271     | 4.679     | 3.108     | 2.658     | 2.677     |
| XI     | 72        | 72        | 72        | 72        | 72        |
| Total  | 13.710    | 15.650    | 14.580    | 13.510    | 10.960    |

Fonte: Elaborado com dados da ODEPA.

#### 5.4.3 Rendimentos

Os rendimentos alcançados pelo item no Chile comportam-se de forma bastante aproximada em torno do nível médio resultante para o conjunto da América Latina e que, à luz de antecedentes da FAO (1), localiza-se em aproximadamente 7 quintais por hectare.

Os rendimentos alcançados no Chile pelo item no quinquênio 1977-1981 apreciam-se no quadro no. 53.

(1) Mesa Redonda sobre Leguminosas Alimentícias.

//

//

QUADRO No. 53RENDIMENTOS MÉDIOS POR HECTARES DE ERVILHA

| Anos      | Quintais por hectares |
|-----------|-----------------------|
| 1976-1977 | 8,8                   |
| 1977-1978 | 9,1                   |
| 1978-1979 | 8,8                   |
| 1979-1980 | 7,5                   |
| 1980-1981 | 6,3                   |

Fonte: ODEPA.

Em nível de Regiões produtoras do país, os maiores rendimentos de ervilhas são alcançados na Região Metropolitana e nas Regiões VII, IX e X, as quais constituem centro produtores de maior importância. Os rendimentos por Região se apresentam no quadro no. 54.

QUADRO No. 54EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO MÉDIO POR HECTARE E POR REGIÃO

(Quintais por hectare)

| Região         | 1976-1977 | 1977-1978 | 1978-1979 | 1979-1980 | 1980-1981 |
|----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| III            | -         | -         | -         | -         | -         |
| IV             | -         | 2,6       | -         | 5,0       | 5,0       |
| V              | 5,1       | 4,8       | 10,9      | 5,4       | 6,5       |
| R.M.           | 9,4       | 17,3      | 16,6      | 11,5      | 4,1       |
| VI             | 9,6       | 7,7       | 9,5       | 6,2       | 6,1       |
| VII            | 10,7      | 8,0       | 9,1       | 7,5       | 8,3       |
| VIII           | 7,0       | 5,7       | 6,4       | 6,8       | 7,2       |
| IX             | 7,4       | 7,5       | 8,3       | 5,7       | 4,9       |
| X              | 12,7      | 14,7      | 8,9       | 10,1      | 8,9       |
| XI             | 11,3      | 11,9      | 11,0      | 11,8      | 11,2      |
| Média nacional | 8,8       | 9,1       | 8,8       | 7,5       | 6,3       |

Fonte: Elaborado com dados do Ministério da Agricultura e INIA.

5.4.4 Exportações5.4.4.1 Relação produção-exportações

No quinquênio 1977-1981 a ervilha mostra volumes físicos de exportações bastante discretos com relação a sua produção, exibindo cifras que, nos três primeiros anos da série, não superaram as 3.000 toneladas, diminuindo para menos de 400 toneladas nos dos últimos anos do período, como se pode apreciar no quadro no. 55.

mas

//

//

## QUADRO No. 55

PRODUÇÃO-EXPORTAÇÃO DE ERVILHA

(Toneladas)

| Anos      | Produção | Exportação | Exp./Prod.<br>(%) |
|-----------|----------|------------|-------------------|
| 1976-1977 | 13.710   | 2.448,38   | 17,86             |
| 1977-1978 | 15.650   | 2.662,42   | 17,01             |
| 1978-1979 | 14.580   | 2.465,09   | 16,91             |
| 1979-1980 | 13.510   | 367,67     | 2,72              |
| 1980-1981 | 10.960   | 317,82     | 2,90              |

Fonte: Elaborado com dados da ODEPA.

5.4.4.2 Valor das exportações

O valor das exportações do item é o de menor significação dentro das quatro leguminosas estudadas, tendo atingido sua maior expressão no ano de 1979, registrando-se nesse ano US\$ 894.449 para diminuir bruscamente nos anos 1980 e 1981 para cifras totais de US\$ 125.000 e US\$ 109.000, respectivamente, como pode ver-se no quadro no. 56.

## QUADRO No. 56

VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE ERVILHA

| Anos | Valor em dólares FOB |
|------|----------------------|
| 1977 | 806.184              |
| 1978 | 714.470              |
| 1979 | 894.449              |
| 1980 | 124.707              |
| 1981 | 108.859              |

Fonte: Estatísticas de exportação de ODEPA.

5.4.4.3 Destino das exportações

A quase totalidade das exportações de ervilhas secas chilenas canalizou-se a países da ALADI e dentro do bloco salientam-se como mercados regulares de maior importância: o Brasil e a Colômbia, mostrando também absorções do item, embora não consistentemente, a Venezuela e o Peru, como pode apreciar-se no quadro no. 57.

//

//

QUADRO No. 57

VALOR EXPORTAÇÕES ERVILHA POR MERCADO DE DESTINO

| País                 | 1977    | 1978    | 1979    | 1980    | 1981    |
|----------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Colômbia             | 789.575 | 457.802 | 45.965  | 4.656   | 51.895  |
| Brasil               | -       | 133.332 | 828.150 | 87.882  | 32.980  |
| Peru                 | -       | -       | -       | 11.186  | -       |
| Venezuela            | 6.163   | 114.351 | -       | -       | 19.400  |
| Total Região         | 795.738 | 705.485 | 874.115 | 103.724 | 104.275 |
| EUA                  | -       | -       | -       | 5.934   | -       |
| Europa               | 10.446  | 8.985   | 20.334  | 15.049  | 4.584   |
| Outros               | -       | -       | -       | -       | -       |
| Total resto do mundo | 10.446  | 8.985   | 20.334  | 20.983  | 4.584   |
| Total países         | 806.184 | 714.470 | 894.448 | 124.706 | 108.859 |
| % Região             | 98,70   | 98,78   | 97,73   | 83,17   | 95,79   |

5.4.5 Consumo interno de ervilha

O consumo interno de ervilha registra volumes que oscilam entre níveis mínimos de 7.373 toneladas e máximos de 10.554 toneladas no quinquênio 1977-1981.

O comportamento e o volume do setor no que diz respeito a exportações, da mesma maneira que o que acontece com o resto das leguminosas em estudo, determinam basicamente o nível residual para consumo interno.

O consumo interno global do setor mostra-se no quadro no. 58.

QUADRO No. 58

CONSUMO INTERNO DE ERVILHA

(Toneladas)

| Anos    | Produção | Exportações | Sementes | Resíduos | Consumo global |
|---------|----------|-------------|----------|----------|----------------|
| 1976-77 | 13.710   | 2.448       | 2.170    | 234      | 8.846          |
| 1977-78 | 15.650   | 2.662       | 2.170    | 234      | 10.554         |
| 1978-79 | 14.580   | 2.465       | 2.366    | 292      | 9.459          |
| 1979-80 | 13.510   | 368         | 2.279    | 272      | 10.259         |
| 1980-81 | 10.960   | 318         | 2.279    | 219      | 7.373          |

mas

//

//

O consumo per capita resultante mostra valores que oscilam entre 642 g e 974 g por pessoa, segundo pode observar-se no quadro no. 59.

QUADRO No. 59

CONSUMO PER CAPITA DE ERVILHA

| Anos      | Quilogramas por pessoa |
|-----------|------------------------|
| 1976-1977 | 0,831                  |
| 1977-1978 | 0,974                  |
| 1978-1979 | 0,856                  |
| 1979-1980 | 0,911                  |
| 1980-1981 | 0,642                  |

Fonte: Calculado com base em dados de ODEPA, FAO e ODEPLAN.

5.4.6 Valor bruto da produção

A produção de ervilha no país mostra seu maior valor no ano de 1979, atingindo US\$ 8,5 milhões, registrando seu menor valor nos ano de 1981, no qual se localiza em US\$ 3,8 milhões, situação que se explica pe la menor produção física alcançada pelo setor esse ano.

As mudanças experimentadas pelos valores brutos da produção regis tram-se no quadro no. 60.

QUADRO No. 60

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DE ERVILHA

| Anos | Dólares correntes |
|------|-------------------|
| 1977 | 4.888.245         |
| 1978 | 6.878.686         |
| 1979 | 8.517.068         |
| 1980 | 6.041.395         |
| 1981 | 3.877.591         |

Fonte: Elaborados com dados da ODEPA.

5.5 Batata

5.5.1 Superfície e produção

O cultivo da batata ocupa um lugar de destaque dentro da agricul tura chilena, não somente por constituir uma atividade generalizada pra ticamente em todo o país, mas pela importância relativa que o setor ocu

mas

//

//

pa, tanto na superfície total de cultivos anuais como em sua contribuição para o valor da produção agrícola nacional.

Com efeito, no quinquênio 1976-1981, o cultivo do tubérculo comprometeu em média uma superfície anual aproximada de 90.000 hectares, representando com isto 6 por cento do total da área coberto pelos cultivos agrícolas anuais e contribuindo para a produção respectiva com perto de 14 por cento de seu valor.

Ao comparar a superfície ocupada pelo setor no quinquênio em questão, com a situação prevalecente no Recenseamento Agrícola de 1965, pode constatar-se que a área cultivada pelo tubérculo praticamente manteve-se estável em um prazo de quase 15 anos, uma vez que até o momento do mencionado recenseamento a superfície resultante atingiu 91.000 hectares.

Esta situação relativamente estacionária, que mostra a superfície ocupada, contrasta bastante com a produção que alcançou o setor, incrementada em 30 por cento ao comparar a produção média anual do quinquênio com relação aos valores que mostrou o recenseamento de 1965. Os comentários expostos são resumidos no quadro no. 61.

QUADRO No. 61

SUPERFÍCIE E PRODUÇÃO DE BATATA

| Temporada | Superfície semeada<br>(Hectares) | Produção<br>(Toneladas) |
|-----------|----------------------------------|-------------------------|
| 1964-1965 | 91.074                           | 703.270                 |
| 1976-1977 | 85.060                           | 928.390                 |
| 1977-1978 | 90.820                           | 980.740                 |
| 1978-1979 | 80.930                           | 770.490                 |
| 1979-1980 | 88.760                           | 903.130                 |
| 1980-1981 | 89.920                           | 1.007.260               |

Fonte: I.N.E.

5.5.2 Principais zonas de produção

O cultivo da batata desenvolve-se praticamente em todo o território nacional; não obstante, cada Região exhibe valores diferentes, tanto em sua contribuição para a produção total como também em rendimentos.

Com efeito, das 12 Regiões do país, as Regiões VII, VIII, IX e X concentram a maior produção e atingem em conjunto 80 por cento do total nacional, sobressaindo significativamente a X Região como principal centro produtor do setor, contribuindo ela só aproximadamente 40 por cento da produção total do país.

A produção por Regiões e sua evolução no quinquênio estão registradas no quadro no. 62.

mas

//

//

QUADRO No. 62  
PRODUÇÃO POR REGIÃO  
(Toneladas)

| Região     | 1976-1977 | 1977-1978 | 1978-1979 | 1979-1980 | 1980.1981 |
|------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| I          | 167       | 167       | 167       | 167       | 167       |
| II         | 16        | 16        | 16        | 16        | 16        |
| III        | 308       | 340       | 714       | 348       | 1.678     |
| IV         | 18.632    | 33.395    | 33.395    | 54.709    | 68.572    |
| V          | 11.829    | 16.494    | 19.077    | 22.996    | 35.459    |
| R.M.       | 63.142    | 74.767    | 68.172    | 60.612    | 68.746    |
| VI         | 54.454    | 36.569    | 24.850    | 30.291    | 28.783    |
| VII        | 184.090   | 152.049   | 166.912   | 132.230   | 184.114   |
| VIII       | 103.057   | 112.231   | 87.920    | 93.914    | 121.262   |
| IX         | 121.380   | 113.852   | 76.735    | 99.741    | 109.020   |
| X          | 366.014   | 435.265   | 281.201   | 401.777   | 284.118   |
| XI         | 2.441     | 2.441     | 2.441     | 2.441     | 2.441     |
| XII        | 2.858     | 2.858     | 2.858     | 2.858     | 2.858     |
| Total país | 928.390   | 980.740   | 770.490   | 903.130   | 1.007.260 |

Fonte: Elaborado com dados de I.N.E. e ODEPA.

5.5.3 Rendimentos

O rendimento médio nacional atingido pelo setor no qüinqüênio foi de 103 quintais por hectare, experimentando um aumento de 12 por cento entre os anos extremos do período.

Tomando como base de comparação o que acontecia em matéria de rendimento até o momento do Recenseamento de 1965, ter-se-ia atingido um aumento de 34 por cento ao variar de 77 quintais por hectare nesse en tão para 103 quintais em média do qüinqüênio 1977-1981.

Embora em nível nacional o rendimento médio exiba, no qüinqüênio, o já mencionado aumento de 12 por cento, em nível de Região a situação se apresenta com dispersões marcadas com relação a essa percentagem. Com efeito, as Regiões III e IV mostram os maiores incrementos de ren dimento, atingindo 112 e 82 por cento, respectivamente.

A possibilidade que apresentam climaticamente ambas as Regiões pa ra obter colheitas da chamada "Batata Temprana", com excelentes expec tativas de melhores preços no mercado, levaram os produtores destas zo nas a melhorar seus sistemas de manejo produtivo do setor, o que esta ria explicando os níveis de rendimento antes comentado.

O quadro no. 63 mostra a situação dos rendimentos obtidos nas de mais Regiões produtoras do país.

//

## QUADRO No. 63

RENDIMENTO MÉDIO POR HECTARE E POR REGIÃO  
(qq. mt./ha.)

| Região                  | 76-1977 | 77-1978 | 78-1979 | 79-1980 | 80-1981 | Variação<br>1981-1977<br>(%) |
|-------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|------------------------------|
| I                       | 23,6    | 23,6    | 23,6    | 23,6    | 23,6    | -                            |
| II                      | 32,2    | 32,2    | 32,2    | 32,2    | 32,2    | -                            |
| III                     | 44,0    | 67,9    | 59,5    | 29,0    | 93,2    | 111,8                        |
| IV                      | 68,0    | 95,9    | 105,9   | 119,4   | 124,0   | 82,4                         |
| V                       | 102,0   | 91,1    | 96,3    | 88,4    | 97,7    | - 4,2                        |
| R.M.                    | 106,3   | 131,4   | 119,6   | 116,5   | 111,4   | 4,8                          |
| VI                      | 116,6   | 95,5    | 104,4   | 106,2   | 112,9   | - 3,2                        |
| VII                     | 113,8   | 104,6   | 112,3   | 85,1    | 115,6   | 1,58                         |
| VIII                    | 81,1    | 89,3    | 85,6    | 83,2    | 98,7    | 21,7                         |
| IX                      | 78,3    | 67,9    | 58,4    | 69,8    | 74,0    | - 6,5                        |
| X                       | 143,0   | 141,5   | 102,4   | 129,8   | 139,2   | - 2,7                        |
| XI                      | 29,9    | 29,9    | 30,0    | 29,9    | 29,0    | -                            |
| XII                     | 70,1    | 70,0    | 69,0    | 70,0    | 70,0    | -                            |
| Rendimento na<br>cional | 100,1   | 108,0   | 95,2    | 101,8   | 112,0   | 11,9%                        |

Fonte: I.N.E. e ODEPA.

5.5.4 Exportações

As exportações de batata chilena, embora registradas algumas operações desta natureza no quinquênio, não constituem uma linha comercial regular para o exterior; no entanto correspondem a operações de caráter pontual e de muito escassa significação com relação à produção total do tubérculo, como pode apreciar-se no quadro no. 64.

## QUADRO No. 64

PRODUÇÃO-EXPORTAÇÃO DE BATATA  
(Toneladas)

| Anos      | Produção  | Exportações | % de exportação<br>em produção |
|-----------|-----------|-------------|--------------------------------|
| 1976-1977 | 928.390   | -           | -                              |
| 1977-1978 | 980.740   | 280         | 0,029                          |
| 1978-1979 | 770.490   | -           | -                              |
| 1979-1980 | 903.130   | 192         | 0,021                          |
| 1980-1981 | 1.007.260 | 73          | 0,007                          |

Fonte: Elaborado com dados de I.N.E. e ODEPA.

//

Não obstante o índice reduzido do volume físico das exportações ex postas no quadro, de qualquer forma é interessante destacar que todas elas se canalizaram para países sul-americanos sem exceção, segundo pode apreciar-se no quadro no. 65.

QUADRO No. 65

VALOR E DESTINO DAS EXPORTAÇÕES

(Dólares de cada ano)

| Países    | 1977 | 1978   | 1979 | 1980   | 1981   |
|-----------|------|--------|------|--------|--------|
| Argentina | -    | 14.295 | -    | 36.353 | -      |
| Peru      | -    | -      | -    | -      | 6.488  |
| Bolívia   | -    | -      | -    | -      | 3.260  |
| Brasil    | -    | -      | -    | -      | 9.015  |
| Uruguai   | -    | -      | -    | -      | 2.218  |
| Total     | -    | 14.295 | -    | 36.353 | 20.981 |

Fonte: Elaborado com registro da ODEPA.

5.5.5 Consumo interno

O consumo interno global do tubérculo, tendo em vista o difundido de seu uso na dieta alimentícia chilena, atinge elevados níveis que superaram 70 por cento da produção do setor no quinquênio.

Tendo em vista que as exportações carecem de significação dentro da produção total, o consumo global aparente fica determinado basicamente pela diferença resultante entre essa produção, a parte constituída pela reserva para semente e a correspondente a resíduos.

O quadro no. 66 ilustra o comportamento das variáveis comentadas através dos anos do quinquênio.

QUADRO No. 66

PRODUÇÃO E CONSUMO DE BATATA

| Anos      | Produção<br>(Toneladas) | Destino da produção (toneladas) |          |          |                |
|-----------|-------------------------|---------------------------------|----------|----------|----------------|
|           |                         | Exportações                     | Sementes | Resíduos | Consumo global |
| 1976-1978 | 928.390                 | -                               | 181.640  | 92.839   | 653.911        |
| 1977-1978 | 980.740                 | 280                             | 161.860  | 98.740   | 719.860        |
| 1978-1979 | 770.490                 | -                               | 177.520  | 77.049   | 515.921        |
| 1979-1980 | 903.130                 | 192                             | 179.840  | 90.313   | 632.785        |
| 1980-1981 | 1.007.260               | 73                              | 154.220  | 100.726  | 752.240        |

Fonte: Elaborado com estatísticas de I.N.E., ODEPA e SAG.

//

mas

O consumo per capita, resultante da inexistência de exportações, atinge níveis bastante elevados localizados entre mínimos de 147 quilos a 66 quilos por pessoa.

O alto grau de hábito pelo produto existente entre consumidores nacionais, especialmente no setor rural do país e em áreas urbanas de baixos ingressos, justifica o nível de consumo per capita antes mencionado, cuja evolução no quinquênio ilustra-se no quadro no. 67.

QUADRO No. 67

CONSUMO PER CAPITA DE BATATA

| Anos      | Quilogramas por pessoa |
|-----------|------------------------|
| 1976-1977 | 61,463                 |
| 1977-1978 | 66,407                 |
| 1978-1979 | 46,702                 |
| 1979-1980 | 56,197                 |
| 1980-1981 | 65,543                 |

5.6 Tomate

5.6.1 Superfície e produção

Segundo as informações registradas pelo Recenseamento Agropecuário de 1975-1976, 10.471 explorações agrícolas cultivavam tomate. Dessas explorações agrícolas, 84 por cento, localizava-se em estratos de tamanho menor de 20 hectares e incluía 59 por cento da área cultivada.

A superfície cultivada de tomate cresceu no período 1976-1981 em 12 por cento para depois diminuir 41 por cento, uma vez que, segundo informações da FAO, a área cultivada em 1983 totalizava 7.000 hectares.

A produção de tomate, que se localizava em torno de 156.000 toneladas médias para o triênio 1974-1976, cresceu no triênio 1981-1983 de 155.000 para 160.000 toneladas no último ano do período.

No quadro no. 68 constam as informações da área cultivada e da produção.

mas

//

//

QUADRO No. 68ÁREA CULTIVADA E PRODUÇÃO DE TOMATE

| Período   | Superfície<br>(Em hectares) | Produção<br>(Em toneladas) |
|-----------|-----------------------------|----------------------------|
| 1974-1976 | 6.000                       | 156.000                    |
| 1976-1977 | 10.690                      | 164.000                    |
| 1977-1978 | 11.800                      | 172.000                    |
| 1978-1979 | 11.300                      | 172.000                    |
| 1979-1980 | 12.300                      | 155.000                    |
| 1980-1981 | 12.000                      | 155.000                    |
| 1981-1982 | 7.000                       | 158.000                    |
| 1982-1983 | 7.000                       | 160.000                    |

Dados: Anuário Estatísticas de Produção. FAO - 1983.

5.6.2 Rendimentos

De acordo com as informações estatísticas da FAO, os rendimentos de tomate mostram-se estáveis no triênio 1981-1983, localizando-se em média em 23.186 kg/ha. No quadro no. 69 apresentam-se os rendimentos registrados no período 1976-1983.

QUADRO No. 69RENDIMENTOS DE TOMATE

| Ano  | Rendimento<br>(em kg/ha.) |
|------|---------------------------|
| 1976 | 24.999                    |
| 1977 | 25.001                    |
| 1978 | 24.242                    |
| 1979 | 23.077                    |
| 1980 | 23.134                    |
| 1981 | 23.134                    |
| 1982 | 23.235                    |
| 1983 | 23.188                    |

Fonte: Anuário FAO de produção.

5.6.3 Exportações

As exportações chilenas de tomate fresco foram muito reduzidas e ocasionais, mostrando seu valor máximo no ano de 1980 com US\$ 1.021.046 por esse conceito. Com relação às exportações do produto transformado, as informações indicam que no período 1978-1980 o Chile exportou anualmente US\$ 3.000.000 de concentrado de tomate. O concentrado e o extra to de tomate são os principais produtos elaborados pela indústria de conservas do Chile.

//

mas

A produção física industrial de molho de tomate preparado localizava-se em 1984 em algo mais de 12.700 toneladas. Quanto ao destino das exportações de tomate, as de produtos industrializados se dirigiram principalmente aos Estados Unidos, Canadá, Japão, Brasil e Equador.

#### 5.6.4 Valor bruto da produção

O valor bruto da produção de tomate resultou no período 1977-1981 o mais alto nos nove setores analisados neste estudo, flutuando entre 38 e 48 por cento do total do valor bruto de produção gerado pelos nove setores.

Em dólares correntes, o valor bruto de produção incrementou-se entre 1977 e 1981 em 89 por cento, passando de US\$ 144.766.573 para US\$ 273.230.000.

### 5.7 Alho

#### 5.7.1 Superfície e produção

O Recenseamento Agropecuário do Chile realizado em 1975-1976 esta belece que 5.637 explorações agrícolas cultivavam alho. O conjunto destas explorações totalizava para esse ano uma área cultivada de 2.165 hectares.

Das explorações, 87 por cento possui uma superfície menor de 50 hectares e inclui 80 por cento da área cultivada com alho.

A superfície cultivada registra uma diminuição de 52 por cento da área no período 1976-1981, evoluindo de 2.390 hectares no começo do período para 1.100 no último ano considerado. Segundo dados da FAO (Anuário de Produção), em 1982 e 1983 a área permanece estagnada em 1.000 hectares.

A produção de alho, que se localizava, em média, em 7.206 toneladas para o triênio 1974-1976, diminui para 6.000 toneladas nos anos 1981-1982 e 1983, respectivamente. No quadro no. 70 apresentam-se as informações de superfície e produção de alho no Chile.

#### QUADRO No. 70

#### ÁREA CULTIVADA E PRODUÇÃO DE ALHO

| Período | Superfície<br>(Em hectares) | Produção<br>(Em toneladas) |
|---------|-----------------------------|----------------------------|
| 1976    | 2.390 (2)                   | 8.000 (1)                  |
| 1977    | 2.220 (2)                   | 9.000 (1)                  |
| 1978    | 1.776 (2)                   | 18.000                     |
| 1979    | 1.700 (2)                   | 15.000                     |
| 1980    | 1.100 (2)                   | 13.000                     |
| 1981    | 1.000                       | 6.000                      |
| 1982    | 1.000                       | 6.000                      |
| 1983    | 1.000                       | 7.000                      |

Fonte: Anuário FAO de produção.

(1) Cifras não oficiais,

(2) Dados do INE (Instituto Nacional de Estatísticas) que para FAO resultam em 2.000, 2.000 e 3.000 hectares para os três anos mencionados.

//

Como surge das informações na diminuição da área de cultivo, existiu simultaneamente um declínio da produção, exceto nos anos 1978-1979 e 1980 onde, devido a muito altos rendimentos por hectare obtidos, a produção duplicou a registrada nos dois anos anteriores e mais do que duplicou a correspondente aos três últimos anos (1981-1982 e 1983).

### 5.7.2 Rendimentos

No quadro no. 71 apresenta-se a evolução dos rendimentos de alho para o período 1976-1983.

QUADRO No. 71

RENDIMENTOS DE ALHOS

| Ano  | Rendimento<br>(kg/ha.) |
|------|------------------------|
| 1976 | 4.000                  |
| 1977 | 4.400                  |
| 1978 | 8.091                  |
| 1979 | 8.333                  |
| 1980 | 5.000                  |
| 1981 | 6.000                  |
| 1982 | 6.000                  |
| 1983 | 6.019                  |

Fonte: Anuário de Produção da FAO.

### 5.7.3 Exportações

As exportações de alho registram uma diminuição espectacular no período 1977-1981. Efetivamente, depois de alcançar um valor de US\$ 6.023.739 em 1977 declina até US\$ 600.000 em 1981. Em 1982 o volume físico exportado localiza-se em 582 toneladas, com um valor de US\$ 1.201.000.

O destino principal destas exportações foi para o Brasil, Estados Unidos, França e Reino Unido. Em 1983 não houve exportações de alhos frescos.

### 5.7.4 Valor bruto da produção

O valor bruto da produção de alhos diminuiu de forma significativa entre os anos 1977-1979, chegando a reduzir-se até a metade em dólares correntes. Posteriormente, em 1980 recupera os níveis de 1977 em dólares correntes, para finalmente incrementar-se em 60 por cento em 1981 com relação ao ano anterior.

A participação no valor bruto da produção dos nove setores estudados mostra o alho diminuindo sua contribuição percentual que ressalta ao máximo em 1977 com 3 por cento e não chega a recuperar esses níveis inclusive com o incremento do valor bruto desta produção em 1981.

//

//

## 5.8 Cebola

### 5.8.1 Superfície e produção

A superfície de cebola cultivada no Chile registra, segundo os dados do INE e do Ministério da Agricultura, uma diminuição de 30 por cento no período 1976-1981. Assim é que a área diminui de 9.703 hectares em 1976-1977 para 6.800 hectares em 1980-1981.

O cultivo era realizado em 22.123 explorações agrícolas segundo as informações do Recenseamento Agropecuário 1975-1976 do INE. Para o mesmo ano a superfície total cultivada era de 10.618 hectares. Das explorações, 93 por cento que cultivava cebola correspondia a prédios cuja superfície total não superava as 50 hectares. Como indicador do caráter de cultivo típico da pequena produção e minifúndio observa-se que 60 por cento das explorações que realizam o cultivo são menos de 5 hectares. O conjunto das explorações menores de 50 hectares inclui 85 por cento da superfície semeada de cebola.

No quadro no. 72 apresenta-se informações referentes à evolução da área cultivada e à produção de cebola no Chile.

QUADRO No. 72

SUPERFÍCIE E PRODUÇÃO DE CEBOLA

| Ano  | Superfície<br>(Em hectares) | Produção<br>(Em toneladas) |
|------|-----------------------------|----------------------------|
| 1976 | 9.703 (1)                   | 129.000                    |
| 1977 | 9.570 (1)                   | 129.000                    |
| 1978 | 7.082 (1)                   | 129.000                    |
| 1979 | 7.100 (1)                   | 126.000                    |
| 1980 | 6.800 (1)                   | 130.000                    |
| 1981 | 5.000                       | 125.000                    |
| 1982 | 5.000                       | 127.000                    |
| 1983 | 5.000                       | 128.000                    |

Fonte: Anuário de Produção (FAO).

(1) Dados do INE e Ministério da Agricultura.

### 5.8.2 Rendimentos

A evolução dos rendimentos de cebola no Chile, de acordo com as informações da FAO (Anuário de Produção), registra um crescimento muito significativo, como se observa no quadro no. 73 com relação ao triênio 1969-1971, não obstante verificar-se um pequeno declínio nos últimos anos.

mas

//

//

QUADRO No. 73EVOLUÇÃO DOS RENDIMENTOS DE CEBOLA

| Ano       | Rendimento<br>(em kg/ha.) |
|-----------|---------------------------|
| 1969-1971 | 18.215                    |
| 1976      | 11.385                    |
| 1977      | 11.449                    |
| 1978      | 28.043                    |
| 1979      | 28.000                    |
| 1980      | 27.083                    |
| 1981      | 27.174                    |
| 1982      | 27.021                    |
| 1983      | 26.947                    |

Fonte: Anuário de Produção (FAO).

5.8.3 Exportações

As exportações de cebola realizadas pelo Chile registram no ano de 1977 um valor superior a US\$ 15.000.000 para depois localizar-se entre US\$ 3.000.000 e algo mais de US\$ 4.700.000 no anos seguintes.

Em 1982 as exportações chilenas de cebola atingiram US\$ 6.572.000 por conceito de 27.855 toneladas cujo destino principal foi a República Federal da Alemanha, os Estados Unidos, Holanda e Reino Unido.

5.8.4 Valor bruto de produção.

O valor bruto da produção de cebola mostra-nos diferenças muito significativas nos extremos do período 1977-1981, expressos em dólares correntes. Entretanto, sofreu nos anos 1978 e 1979 uma brusca queda que levou a reduzir o valor de produção para quase a metade do montante correspondente aos anos extremos do período.

A cebola vem depois do tomate, da batata e do feijão quanto à sua contribuição ao valor bruto de produção gerado pelos produtos envolvidos neste estudo. A evolução da participação do valor bruto de produção da cebola mostra proporções decrescentes como tendência do período, localizando-se em quase 7,5 por cento. No começo do período 1977-1981 a participação atingia 15 por cento em dólares correntes.

//

//

## CAPÍTULO 6

### A INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DE LEGUMES E HORTALIÇAS

#### 6.1 Situação da indústria de conservas

Até 1975 a produção da indústria chilena de conservas limitava-se ao pêssego, uma vez que outros produtos como ervilhas e derivados do tomate eram elaborados em pequenos volumes, com a conseguinte escassa significação econômica, inclusive no mercado interno.

A partir do ano indicado, são incorporadas plantas de processamento de maior dimensão, aumentam os técnicos especialistas, moderniza-se a maquinaria e equipamentos utilizados e houve um progresso significativo na relação entre agricultores e industriais através do desenvolvimento de departamentos agrícolas de assistência técnica por parte das indústrias processadoras.

No período 1975-1980 dados recolhidos por PROCHILE indicam que a produção da indústria de conservas se localiza em uma média anual de 65.000 toneladas de produto elaborado, que inclui frutas e hortaliças. No quadro no. 74 apresenta-se a produção de produtos industrializados para o triênio 1972-1974 prévio ao impulso agro-industrial mencionado. Segundo os organismos oficiais, estimou-se que as exportações da indústria de conservas no período 1978-79-80 atingiram uma média anual de 17.000 toneladas líquidas, que representaram 26 por cento da produção média anual e um valor médio anual de 22 milhões de dólares.

Os produtos de maior incidência eram nessa etapa o concentrado de tomate, com um valor anual médio de 3 milhões de dólares (exportado para os Estados Unidos, Canadá, Japão, Brasil e Equador) e, no setor frutas, os sucos e conservas de pêssegos, azeitonas, polpas de frutas e cerejas sulfitadas.

A realidade atual mostra a indústria chilena de conservas de hortaliças em fase de consolidação quanto à corrente exportadora desenvolvida. O concentrado e extrato de tomate continua sendo o principal produto, alcançando-se recentemente maior diversificação das exportações com a colocação de conservas de aspargos, ervilhas e alcachofras no mercado internacional.

Os produtos são apresentados em diferentes tipos e tamanhos de recipientes, segundo as exigências dos mercados, sendo os mais comuns os de folha-de-flandres e vidro. No quadro no. 75 apresenta-se a produção física industrial para o quinquênio 1980-1984 em produtos processados de frutas, legumes e hortaliças. No gráfico 1 observa-se a evolução dessa produção para o mesmo período.

Por seu lado, no gráfico 2 indica-se a evolução das exportações agro-industriais expressas em milhões de dólares para os diferentes produtos analisados. Com exceção da polpa de fruta concentrada, os demais produtos mostram certo crescimento no valor das exportações em 1984.

//

mas

//

As exportações de conservas de frutas e legumes superam os 14 milhões de dólares em 1984, a de concentrado de tomate atingiu 3 milhões de dólares e as de sucos de frutas atingiram mais de 5 milhões de dólares.

#### 6.1.1 Aspectos tecnológicos

O desenvolvimento tecnológico da indústria de conservas de frutas e hortaliças no Chile foi importante nos últimos anos. Peritos internacionais e contrapartes técnicas nacionais instalaram novos equipamentos e tecnologias, considerando as peculiaridades dos produtos e sua localização geográfica. As empresas processadoras de tomates contam com alto nível tecnológico, utilizam equipamentos de origem suíça, americana, brasileira e argentina, o que lhes permite boa concorrência em nível dos mercados internacionais.

Uma preocupação permanente da indústria de conservas chilenas foi a adoção de padrões internacionais de qualidade, regendo-se pelas pautas que estabelece o Instituto Nacional de Normalização (INN) e alcançando importantes reconhecimentos internacionais da qualidade de suas conservas.

#### 6.1.2 A problemática do setor

Superada uma etapa particularmente difícil onde se conjugaram o baixo preço do dólar e os níveis tarifários reduzidos que excerceram desigual concorrência no mercado internacional e no interno para os produtos processados chilenos, hoje as dificuldades principais radicam na queda dos ingressos reais dos consumidores.

No mercado internacional os altos custos internos dos insumos, especialmente a folha-de-flandres e o açúcar, afetaram a competitividade dos produtos da indústria de conservas. A provisão de folha-de-flandres que realiza a CAP, única empresa abastecedora, transfere o preço de venda, as tarifas aduaneiras, aumentando os custos no mercado interno.

A indústria nacional, em consequência, fica por este motivo com custos mais altos que a concorrência internacional, que se abastece de folha-de-flandres a preços menores que o interno do Chile. A diferença chegou a ser de até 20 por cento em concorrências internacionais de folha-de-flandres, onde cotou a CAP.

#### 6.2 Situação da indústria de congelamento

A capacidade instalada da jovem indústria de congelamento de frutas e hortaliças foi estimada por PROCHILE em 1980 como localizada em 11.000 e 12.000 toneladas anuais.

Os produtos congelados para exportação apresentam-se em blocos ou I.Q.F. (Individual Quick Frozen) e os recipientes mais comumente utilizados são caixas de cartão em sacos plásticos no interior ou exclusivamente sacos plásticos. Variando com relação ao produto, o peso flutua entre 15 e 20 quilogramas.

//

//

As hortaliças mais importantes congeladas no Chile são: cogumelo, couve-flor, ervilha, fava, alcachofra, repolho de Bruxelas, feijão verde, etc. Dos setores que incluem o presente estudo somente a ervilha, feijão verde e fava são processados sob esta modalidade.

As exportações de hortaliças congeladas começam a realizar-se no Chile a partir de 1978. A média anual para o triênio 1978-1980 atingiu US\$ 15.853 originados na exportação de um volume médio de 20 toneladas.

A ervilha, feijão verde e fava congelados não foram produtos exportados até o momento em que se dispõe de informações.

### 6.3 Situação da indústria de desidratação

Em 1980 estimava-se que a capacidade instalada da indústria desidratadora chilena de hortaliças era de aproximadamente 3.000 toneladas anuais de produto desidratado. Trata-se de uma indústria nova que preferentemente processou cebola, alho, pimentão, porro, cogumelo, orégão e batata. Também desidrata volumes menores de cenoura, acelga, espinafre, aspargo e aipo.

Uma vantagem indicada sobre esta indústria é o dinamismo da produção hortícola que pode incorporar com rapidez variedades mais aptas para a indústria e técnicas mais modernas de cultivo.

A concorrência no mercado internacional é muito forte pela exigência quanto a qualidade e preços. Isto obriga a manter custos reduzidos, os quais dependem do incremento dos rendimentos da produção hortícola chilena.

As exportações, de acordo com as informações da ODEPA, foram estimadas em uma média anual para o triênio 1978-1980 de US\$ 3.185.662, que correspondiam à exportação de um volume médio de 1.352 toneladas anuais.

Os produtos de interesse específico deste estudo não são muito importantes quanto à sua participação nas exportações da indústria desidratadora chilena. O principal é o alho, com uma média anual de US\$ 201.061 e 120 toneladas no período. Em 1980 foram compradores de alho desidratado chileno: a França, Venezuela, Colômbia, Japão e Inglaterra. Quanto a cebola desidratada, atingiram um valor médio anual de exportação de US\$ 195.290 e 129 toneladas. Em 1980 os principais mercados foram a Argentina e o Brasil.

mas

//

//

QUADRO No. 74PRODUTOS HORTÍCOLAS INDUSTRIALIZADOS

(Total líquido em toneladas de produto acabado)

|  | <u>Ano</u> | <u>Volume</u> |
|--|------------|---------------|
| <u>TOMATES (1)</u>                               |            |               |
| Polpa ou pasta de tomate                         | 1972       | 22.127 t      |
|  | 1973       | 23.216 t      |
|  | 1974       | 25.200 t      |
| Suco de tomate em conserva                       | 1972       | 790 t         |
|  | 1973       | 845 t         |
|  | 1974       | 880 t         |
| Tomates inteiros                                 | 1972       | 1.800 t       |
|  | 1973       | 1.650 t       |
|  | 1974       | 1.500 t       |
| Ketchup  | 1972       | 115 t         |
|  | 1973       | 160 t         |
|  | 1974       | 205 t         |
| <u>ASPARGO</u>                                   |            |               |
| Aspargos em conserva                             | 1972       | 325 t         |
|  | 1973       | 415 t         |
|  | 1974       | 600 t         |
| <u>ERVILHA</u>                                   |            |               |
| Ervilha em conserva                              | 1972       | 5.850 t       |
|  | 1973       | 3.960 t       |
|  | 1974       | 2.400 t       |
| <u>ALHO</u>                                      |            |               |
| Desidratado em pó: menos de 8 toneladas por ano  |            |               |
| <u>CEBOLA</u>                                    |            |               |
| Desidratada em pó: menos de 15 toneladas por ano |            |               |

(1) Considerou-se dentro da Polpa e Pasta de tomates aquela comercializada em recipientes pequenos e com acréscimos que podem ser cogumelos, ã italiana, etc.

mas

//

//

QUADRO No. 75PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL

(Toneladas)

| AGRO-INDÚSTRIA                   | 1980   | 1981   | 1982   | 1983   | 1984   |
|----------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Marmelada                        | 5.052  | 4.416  | 4.342  | 5.406  | 5.950  |
| Frutas ao suco em conserva       | 13.908 | 18.852 | 13.737 | 17.033 | 20.870 |
| Legumes e hortaliças em conserva | 4.344  | 5.028  | 3.122  | 3.952  | 4.144  |
| Molho de tomates preparado       | 11.112 | 9.948  | 10.317 | 12.201 | 12.751 |

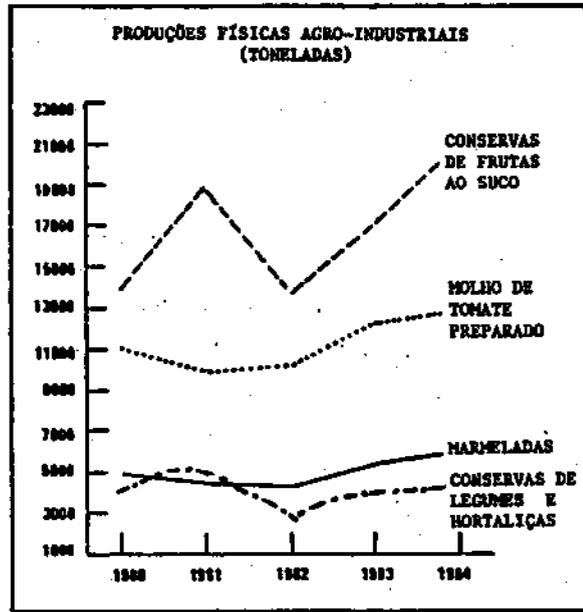
Fonte: I.N.E.

mas

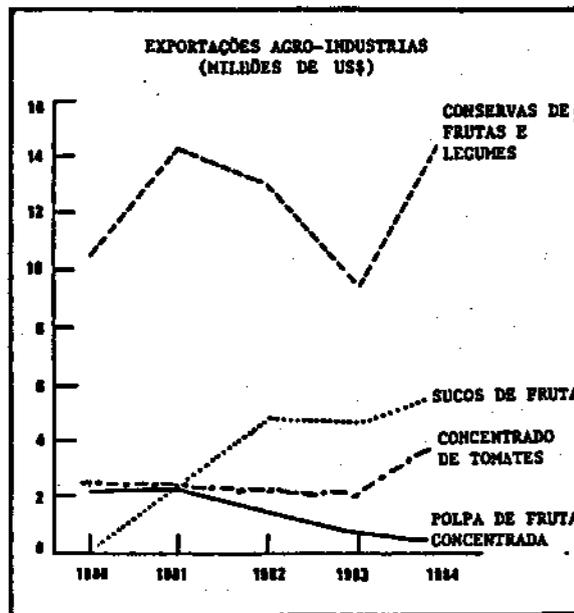
//

//

GRÁFICA 1



GRAFICA 2



//

//

## CAPÍTULO 7

### ALGUNS ASPECTOS SOBRE A SITUAÇÃO INSTITUCIONAL

#### 7.1 Regime de importações e controles sanitários

Tendo em vista que para nenhum dos nove setores em estudo existem importações regulares de caráter comercial, salvo pequenas parcelas "pontuais" e de muito baixo montante, não se estimou justificável analisar estatisticamente a variável por carecer de significação para os propósitos do presente estudo.

Tendo presente o anterior, os seguintes comentários estão orientados a consignar as características mais relevantes que regem no Chile para a importação de qualquer um dos itens do subsetor legumes e hortaliças em estudo.

Convém assinalar antecipadamente que no Chile não existe proibição de nenhuma espécie para importar produtos agrícolas, salvo a condição de submeter-se às normas tarifárias e sanitárias vigentes para este tipo de produtos.

##### 7.1.1 Estrutura tarifária

Salvo para qualificadas exceções que não regem para os itens do presente estudo, a estrutura tarifária do Chile está determinada na atualidade por uma tarifa fixa de 20 por cento como taxa ad valorem para a importação, que tem um caráter transitório, pois o enunciado da norma tarifária estabelece que essa taxa de 20 por cento regerá somente até fins de 1984 para voltar gradualmente a diminuir a anterior taxa de 10 por cento que prevaleceu até fins de 1982.

A plena liberdade de importações vigente no Chile não contempla regulações ou restrições de natureza para-tarifária que possam limitar o ingresso de determinado produto do exterior.

##### 7.1.2 Controles fitossanitários para o comércio exterior de legumes e hortaliças

Tanto a exportação como a importação de produtos agrícolas deve ser controlada em seus aspectos fitossanitários pelo organismo oficial encarregado desse controle, pelo Serviço Agrícola e Pecuário - SAG, entidade dependente do Ministério de Agricultura do Chile.

No que diz respeito a exportações, os controles em geral se resumem nas seguintes normas:

Toda exportação agrícola deverá estar amparada por um certificado do fitossanitário emitido pelo Serviço Agrícola e Pecuário - SAG, no qual deverá constar que a mercadoria exportada está livre de pragas quarentenárias, especialmente quando assim o especificam os países importadores.

mas

//

//

A inspeção sanitária de mercadorias realiza-se quando o exportador ou seu representante autorizado solicitam ao Serviço, com pelo menos 24 horas de antecipação, o requerimento de inspeção respectivo.

O pedido em questão deve conter os seguintes antecedentes:

- a) nome do exportador e domicílio;
- b) nome do agente aduaneiro ou despachante;
- c) produto matéria da exportação;
- d) número de volumes que conformam a partida;
- e) peso bruto e líquido;
- f) país de destino;
- g) meio de transporte;
- h) tipo de recipiente; e
- i) marcas.

Para o caso de importações, as normas de controle fitossanitário vigentes no Chile são igualmente faculdade do Serviço Agrícola e Pecuário -SAG- e em particular da Divisão de Proteção Agrícola desse Serviço e para a qual um importador determinado deve concorrer e solicitar que se proceda aos controles e autorizações respectivos.

À margem da norma geral já indicada, existem algumas disposições especiais em torno de alguns produtos agrícolas importados que é útil consignar.

#### 7.1.2.1 Ingresso de alho e cebola

O certificado fitossanitário respectivo deve conter uma declaração adicional na qual se prove que a partida a ingressar está isenta de qualquer forma evolutiva de nematódios e que foi tratada contra insetos daninhos. Os produtos assinalados devem ingressar também com suas raízes e talos cortados e desprovidos totalmente de terra.

#### 7.1.2.2 Ingresso de batata

O produto deve estar acompanhado do respectivo certificado fitossanitário do país de origem, no qual conste também que o bulbo foi cultivado em terrenos livres de "Globo dera Sortockiensis" e "Heterodera Schachtin" e que vem livre de qualquer nematódio patógeno.

#### 7.1.2.3 Ingresso de sementes de leguminosas

O ingresso de sementes de feijão, lentilha, grão-de-bico e ervilha deve estar acompanhado dos respectivos certificados de fumigação, que deverá efetuar-se sob as seguintes características: produto fumigado com fosfeto de alumínio

//

//

nio ou brometo de metila a pressão atmosférica em doses de 48 g/mm de câmara durante 2,5 horas, com temperaturas entre 21 e 35,59 C.

## 7.2 Geração e transferência tecnológica

O perfil de criação e transferência tecnológica existente no país e aplicável aos produtos em estudo apresenta características francamente limitantes, tanto na infra-estrutura institucional vigente como no grau de intensidade com que se transferem e aplicam tecnologias melhoradas.

Neste quadro limitante, sem dúvida, existem dois fatores que contribuem poderosamente para determinar a característica antes anotada e que são, por um lado, a política agrícola sustentada a partir de 1974, como expressão da política econômica geral do país e, por outro, o tamanho dominante das explorações produtoras de legumes e hortaliças que em grande medida condicionam o grau de permeabilidade com que flui e se aplica a transferência tecnológica existente.

No que diz respeito à política agrícola, esta, da mesma maneira que a seguida no resto dos setores produtivos de país a partir de 1974, sustenta-se na plena liberdade e responsabilidade dos agentes privados empresariais para decidir sua gestão comercial e produtora, contando para isso como orientadores básicos de decisão, as perspectivas e limitações que ofereça o mercado.

Obviamente tal filosofia implica que o papel do Estado passa a ser subsidiário, tanto em sua função de planejador de decisões que competem ao empresário privado, como também em sua função de fornecedor direto de serviços especializados, que podem ser providos por profissionais particulares.

A infra-estrutura de serviços tecnológicos nos quais o Estado ainda continua tendo participação está basicamente circunscrita às atividades do "Instituto Nacional de Investigações Agropecuárias" (INIA) e do Instituto de Desenvolvimento Agropecuario (INDAP), organismo dependente do Ministério da Agricultura encarregado de fornecer recursos creditícios a pequenos produtores agrícolas do país.

O Instituto Nacional de Investigações Agropecuárias -INIA- constitui sem dúvida o principal centro gerador e transmissor de tecnologia para o setor agrícola em seu duplo caráter de painel que realiza programas de investigação agrícola em suas estações experimentais e divulgador dessas experiências a interessados do setor.

Entre os objetivos do INIA, e no que se refere a itens do estudo, convém destacar os seguintes:

- colocar à disposição dos agricultores tecnologias simples e cuja aplicação signifique aumentos relativamente rápidos de produtividade;
- obter a adoção de tecnologias melhoradas no maior número possível de produtores;

//

mas

//

- obter uma utilização eficiente dos recursos produtivos da cada zona do país, determinando os itens mais apropriados e as tecnologias que correspondam aplicar de acordo com as vantagens comparativas e de mercado existentes em cada uma delas.

Os principais canais que o INIA usa para difundir os novos métodos tecnológicos podem resumir-se do seguinte modo:

- centros demonstrativos de semeadura e cultivo aos quais assistem os agricultores, e que são treinados mediante os chamados "dias do campo", palestras, reuniões, técnicas, grupos de trabalho e cursinhos especializados.
- o INIA utiliza em alto grau, para sua difusão tecnológica, o emprego de material impresso, através de boletins técnicos de fácil compreensão para os interessados.
- elaboração de projetos específicos em matérias de transferência tecnológica especialmente a pedido do Ministério da Agricultura, e cujos resultados são difundidos posteriormente a agricultores interessados.

No mês de abril deste ano o Governo decidiu impulsar um programa integral sobre esta matéria e este começou a efetivar-se através de empresas privadas especializadas.

No Instituto de Desenvolvimento Agropecuario, INDAP, fornece os recursos financeiros a pequenos produtores agrícolas mediante um bônus de cancelamento com o qual os beneficiários pagarão às empresas fornecedoras particulares o custo dos serviços técnicos outorgados.

O programa foi traçado para um prazo de vigência de 8 anos, durante os quais se tenta cobrir um número de 70 mil pequenos proprietários.

As linhas técnicas fundamentais que conformam o programa podem sintetizar-se do seguinte modo:

- assistência técnica integral, mediante a qual o beneficiário recebe um plano integral de exploração de seu prédio, que é assistido pela empresa assessora privada, através de 24 visitas anuais de assistência e supervisão no terreno.
- assistência técnica básica, com planos de exploração prioritária para 3 itens de produção elegíveis e com um total de 9 visitas anuais de assistência e supervisão no terreno.
- treinamento realizado com grupos de agricultores interessados em matérias de interesse comum.

O custo e financiamento do programa de transferência tecnológica adota a seguinte modalidade geral:

O produtor beneficiário do programa recebe, por parte do INDAP, um subsídio iniciado em 1983, equivalente a 60 por cento do custo anual do plano de transferência tecnológica que lhe tiver sido aplicada. Durante os três anos seguintes, 1984, 1985 e 1986, as percentagens de subsídio decrescem para 50, 40 e 30 por cento, respectivamente, do custo resultante.

//

//

Corresponde assinalar que para saldar as diferenças complementares do custo o agricultor pode acudir a linhas de crédito que o INDAP opera para esses efeitos se o beneficiário carece de recursos próprios para cancelar o saldo desse custo.

O custo estimado a cobrar pelas empresas privadas, fornecedoras da transferência técnica, calcula-se em US\$ 400, que serão cancelados por cada agricultor subscrito ao programa, de acordo com as fontes de financiamento antes comentadas.

### 7.3 A política agrícola chilena

Para poder explicar adequadamente a atual política agrícola do Chile é necessário olhar retrospectivamente para examinar a evolução da economia chilena em traços gerais e do setor agrícola em particular.

A economia chilena mostrou na década uma tendência ao crescimento e adaptação aos requerimentos do mercado externo e interno.

O valor bruto da produção agrícola cresceu a uma taxa anual de 6 por cento entre 1974 e 1979. Posteriormente a 1979, como consequência da supervalorização do peso chileno na paridade cambial as taxas de crescimento diminuem, transformando-se em negativas para 1982.

O comércio exterior que tinha sido o motivo do crescimento entra em uma etapa recessiva quanto à demanda de produtos agropecuários-citrícolos desde o segundo semestre de 1980 e reflete-se agudamente em 1982-1983.

A liberalização da economia e do mercado provocou um impacto muito significativo sobre os cultivos tradicionais, especialmente os cerealeiros. Responderam ao impulso exportador os produtos mais dinâmicos nos quais o Chile possui vantagens comparativas naturais, tais como as frutas e os produtos florestais. Enquanto estes cresceram de forma importante, os cereais, legumes e oleaginosos sofreram marcado declínio da produção.

Desde 1974 até 1979 a taxa cambial e as condições da economia mundial permitiram um crescimento das exportações a uma taxa de 31 por cento anual. As mesmas evoluíram de US\$ 188,9 milhões para US\$ 974,1 milhões de dólares correntes. Em 1982 as exportações sofrem uma queda para US\$ 656 milhões de dólares em virtude da supervalorização do peso e das condições adversas que afetam em nível mundial a demanda de produtos agrícolas chilenos.

A área de cereais que diminuiu somente 8 por cento entre 1976/1977 e 1979/1980 (de 929.000 para 852.000 hectares), em 1982/1983 diminuiu para 635.000 hectares e o aumento das importações de cereais afeta ainda mais a produção.

Em 1982 a área de legumes diminuiu 34 por cento com relação a 1979 e as terras dedicadas a oleaginosos tinham se reduzido 54 por cento com relação aos níveis de 1979.

A produção de frutas, por seu lado, cresceu entre 1979 e 1983 a uma taxa de 10 por cento anual. A área sob cultivo cresceu 16 por cento, evoluindo de 56.000 para 69.000 hectares.

mas

//

//

A consequência dos fatores antes anotados com relação à situação que atravessavam a agricultura de legumes e cereais, o setor pecuário e outros setores gerou um alto endividamento dos produtores que a superintendência de bancos estimou em US\$ 1,7 bilhão de dólares em dezembro de 1983.

O montante da dívida era superior ao valor bruto da produção do setor. Se a isto se acrescenta a depressão dos preços no mercado para a colheita 1982/1983, cujos níveis foram os mais baixos da década, a crise da agricultura chilena fica claramente configurada.

Em 1983, como consequência da redução das intenções de semeadura, o Governo chileno formulou e colocou em execução um programa para estimular a produção agrícola. Além do refinanciamento da dívida, os produtos podem am parar-se a uma linha especial de crédito do Banco Central que lhes fornece capital de trabalho sem outra garantia que as futuras colheitas.

Cria-se também um sistema de poderes compradores que assegura ao produtor uma demanda adequada e ao mesmo tempo um preço mínimo, preço suporte de referência para trigo e açúcar com o objetivo de garantir o preço e a rentabilidade agrícola.

Além das medidas indicadas, o ajuste da taxa cambial confere aos produtores um melhor clima de estabilidade para encarar a produção.

Em resposta a estas medidas de política agrícola, a área de produtos tradicionais cresceu 21 por cento na safra 1983/1984 e os resultados preliminares indicam que a produção de trigo pode atingir um incremento de até 31 por cento sobre os valores de 1982/1983. Por seu lado, a produção de açúcar pode recobrar os níveis que permitam satisfazer a demanda interna. Em 1983 a garantia de preço do trigo foi de US\$ 1985 toneladas.

Sem prejuízo deste estímulo à produção agrícola tradicional, são realizados importantes esforços através de PROCHILE para explorar e penetrar novos mercados com os produtos potencialmente exportáveis da agricultura chilena, como as frutas e os produtos florestais.

Particularmente, priorizam-se os mercados dos Estados Unidos e Europa.